

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Ellen Mendonça de Lima

**PREVENÇÃO DE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Porto Alegre
1º Semestre
2015

Ellen Mendonça de Lima

**PREVENÇÃO DE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Comissão de Graduação
do Curso de Pedagogia – Licenciatura da
Faculdade de Educação da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Vellinho
Curso

Porto Alegre

1º Semestre

2015

**E quem um dia irá dizer que não existe
razão nas coisas feitas pelo coração.**
Renato Russo

Ao concluir este trabalho, quero agradecer...

A Deus, que me deu a vida.

Aos meus pais, que possibilitaram que eu chegasse até aqui.

A minha irmã Suellen e ao meu cunhado André, que incansavelmente me ajudaram e incentivaram a escrever cada página deste TCC.

A minha querida amiga Joseane Frassoni, pela amizade incondicional.

A minha amiga e colega de formatura, Luana, pelo companheirismo nos momentos difíceis.

À Prof^a. Dr^a. Luciana Vellinho Corso, pelo incentivo, pelo auxílio, pela paciência e pelo tempo dedicado à orientação deste trabalho.

Aos demais amigos e familiares, pelo apoio e carinho, por escutarem meus relatos do estágio, por curtirem minha felicidade, cada vez que me descobria uma professora de crianças pequenas.

À UFRGS, especialmente ao corpo docente da Faculdade de Educação, que disponibilizaram ensino de qualidade e excelência de forma gratuita, o meu muito obrigada.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo principal investigar se a prevenção de dificuldades de aprendizagem é um tema discutido na escola de Educação Infantil e, se sim, de que modo tal prevenção ocorre. A pesquisa, de abordagem qualitativa, compreendeu nove entrevistas com sete professoras e duas gestoras de duas escolas localizadas em Porto Alegre - RS. A base teórica é a psicologia genética de Jean Piaget, seguindo um modelo epistemológico interacionista. Os estudos da área da Psicopedagogia (CORSO, WEISS, MOOJEN, SCOZ, GOLBERT, entre outros) explicitam a visão de multiplicidade de fatores que caracterizam o processo de aprendizagem e os problemas dele decorrentes. A relevância do tema prevenção de dificuldade de aprendizagem na Educação Infantil justifica-se pela importância de haver uma reflexão acerca da prevenção, concebendo ser a escola de Educação Infantil um espaço de múltiplas aprendizagens e construção de conhecimento. A temática, que é de grande relevância no campo educacional, apresenta pesquisas ainda em número modesto. Os resultados desta investigação mostraram que as organizações escolares estudadas ainda não possuem dispositivos sistemáticos de prevenção de dificuldades na aprendizagem, visto que o conceito de prevenção se confunde, na maioria das respostas, ao conceito de correção de dificuldades e/ou encaminhamento a profissionais especializados, como fonoaudiólogos ou psicólogos. Ao mesmo tempo, reconhece-se a importância do trabalho conjunto com a família no processo de prevenção de dificuldades de aprendizagem e na atuação escolar como um todo. A formação continuada foi apontada pela maioria das educadoras e gestoras como fonte de conhecimento e informação sobre a temática prevenção de dificuldades de aprendizagem. Alguns professores mencionaram ações que podem ser consideradas preventivas, porém não consideram estas ações preventivas, intencionalmente. Conclui que é necessário aprimorar a formação inicial dos educadores e, principalmente, investir em formação continuada sólida e eficiente, como também formação em serviço que possibilite o trabalho de prevenção de dificuldades na aprendizagem desde a Educação Infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Psicopedagogia. Educação Infantil. Dificuldades na Aprendizagem. Prevenção.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 6 |
| 2 | CONCEPÇÃO DE APRENDIZAGEM | 9 |
| 2.1 | CONTRIBUIÇÕES DA EPISTEMOLOGIA GENÉTICA À EDUCAÇÃO | 11 |
| 3 | DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM | 13 |
| 3.1 | SOCIEDADE, CRIANÇA E INSTITUIÇÃO ESCOLAR | 14 |
| 4 | PERCURSOS METODOLÓGICOS | 16 |
| 4.1 | SUJEITOS DE PESQUISA | 18 |
| 5 | ANÁLISE DAS ENTREVISTAS | 20 |
| 5.1 | CATEGORIAS DE ANÁLISE | 21 |
| 5.1.1 | Letramento e Alfabetização | 21 |
| 5.1.2 | Formação Continuada | 24 |
| 5.1.3 | Parceria com as Famílias | 26 |
| 5.2 | DESDOBRAMENTOS DA PESQUISA | 29 |
| 6 | ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO | 32 |
| 7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 36 |
| | REFERÊNCIAS | 37 |
| | ANEXOS | 40 |

1 INTRODUÇÃO

Desde que ingressei no curso de Licenciatura em Pedagogia, em 2008, tenho interesse nos estudos sobre as dificuldades e limitações da Instituição Escolar. Inicialmente, pensei em pesquisar a forma como a escola poderia ser a principal responsável pelos problemas de aprendizagem. Do mesmo modo, me interessa bastante a forma como a Educação Infantil, área que me encanta desde o início da faculdade, pode ser analisada sob o viés da Psicopedagogia. Refleti sobre a tendência geral de tentar localizar os culpados por determinados problemas na escola e concluí que o trabalho, que se constitui a seguir, seria mais útil se visasse à prevenção das dificuldades e não exatamente fazer uma espécie de diagnóstico dos problemas da escola.

Durante meu período de estágio obrigatório, realizado no segundo semestre de 2014, e durante os anos de 2010 e 2011 – onde atuei como estagiária remunerada em duas escolas de Educação Infantil do município de Porto Alegre (uma particular e outra pública), percebi uma constante tentativa de classificar as crianças de acordo com suas capacidades e dificuldades. Pareceu-me que isso seria natural do ser humano (a comparação), mas aos poucos verifiquei que identificar uma criança como “aquele que tem dificuldade em fazer isso ou aquilo”, pode acabar limitando-o, visto que a visão do professor sobre o que uma criança pode ou não aprender e fazer vai influenciar na forma como ele intervém nas situações de aprendizagem. Outrossim, a maneira como o professor age perante seus alunos vai influenciar também na forma como a criança se percebe, apta ou não para determinada proposta: “sou capaz”, “não sou capaz”.

Identifiquei, no decorrer do meu percurso como estagiária, o desconhecimento que os professores têm, tanto em relação à intervenção junto às crianças com dificuldades de aprendizagem, quanto no sentido de atuar visando práticas preventivas das dificuldades de aprendizagem. Pareceu-me que esta temática ainda não é um dos objetivos da Educação Infantil. Refletindo sob esta perspectiva, realizei uma pesquisa de abordagem qualitativa que visa identificar se o tema prevenção de dificuldades de aprendizagem vem sendo pensado em duas escolas de Educação Infantil do município de Porto Alegre - RS. Identificar a maneira como a prevenção pode

ocorrer, a partir das falas das educadoras e gestoras presentes em sala de aula, também é objetivo deste estudo.

A relevância do tema prevenção de dificuldade de aprendizagem na Educação Infantil justifica-se pela importância de haver uma reflexão acerca da prevenção, concebendo ser a escola de Educação Infantil um espaço de múltiplas aprendizagens e construção de conhecimento. A temática, que é de grande relevância no campo educacional, apresenta pesquisas ainda em número modesto.

É importante atentarmos para o crescente número de crianças encaminhadas às clínicas psicopedagógicas, com suspeita de possuírem algum transtorno¹ ou problema orgânico/interno, em decorrência de seu baixo rendimento escolar. Weiss (2012) relata que cerca de 10% dos casos encaminhados para diagnóstico têm, de fato, alguma dificuldade de aprendizagem motivada por problemas internos (cognitivos, emocionais, psicológicos, orgânicos). O restante dos 90% dos alunos, segundo a autora, é encaminhado à psicopedagoga por apresentarem dificuldades originadas por equívocos relacionados ao processo de escolarização. Conforme Scoz (1994):

Embora a falta de preparo dos educadores e a precariedade das condições funcionais e estruturais da escola, entre outros fatores, sejam apostadas como causas do fracasso escolar, a culpa ainda é, em grande parte, atribuída a problemas individuais dos alunos. (SCOZ, 1994,p. 7).

Esta constatação nos leva a refletir sobre o papel do educador na intervenção junto às crianças com dificuldades de aprendizagem e enfatiza a importância de estabelecer comportamentos de prevenção, no sentido de se antecipar a possíveis problemas de aprendizagem.

A escolha do espaço de Educação Infantil como área para prevenção justifica-se pelo fato de que as primeiras aprendizagens se dão na primeira infância. Logo, a qualidade das primeiras aprendizagens vai influenciar de forma decisiva a maneira como a criança se desenvolverá futuramente. Conforme Corso (2008a):

As primeiras experiências de aprendizagem são muito significativas, pois é através delas que a criança vai estruturando as bases

¹ Transtornos e Dificuldade são as categorias em que os problemas na aprendizagem podem ser divididos, de acordo com MOOJEN (1999).

afetivas, cognitivas e sociais nas quais se apoiará para realizar novas aprendizagens e desenvolver-se de forma saudável. (CORSO, 2008a, p. 22)

No capítulo 2, apresento minha concepção de aprendizagem, a qual está baseada nos estudos de Jean Piaget (1896-1980). Ainda neste capítulo, procuro expor algumas contribuições desta teoria para a área educacional.

No capítulo 3, abordo o conceito de dificuldades de aprendizagem. Apresento as três dimensões sob as quais estudamos a dificuldade de aprendizagem: sociedade, criança e Instituição Escolar.

No capítulo seguinte apresento a metodologia de pesquisa deste estudo, que se caracteriza por uma pesquisa qualitativa, utilizando-se de entrevistas semi-estruturadas com sete professoras e duas gestoras. A análise destas contribuições é feita no capítulo 5.

No capítulo 6, busco elaborar algumas estratégias de prevenção de dificuldades, apontando possíveis perspectivas para analisar esta temática no período da primeira infância. Por fim, apresento minhas inquietações a partir dos resultados da pesquisa, uma reflexão sobre as hipóteses iniciais frente ao que surge no decorrer do trabalho e demais considerações relevantes a partir desta investigação.

2 CONCEPÇÃO DE APRENDIZAGEM

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, abordarei a aprendizagem de acordo com o ponto de vista da psicologia genética de Jean Piaget, seguindo um modelo epistemológico interacionista. A teoria do Construtivismo, proposta por Jean Piaget (1896-1980) no começo do século XX, nos apresenta um estudo explicativo sobre os processos de conhecimento. É uma teoria dialética, que representa uma filosofia de vida:

Assumir, pois, uma posição interacionista implica uma mudança de postura frente ao mundo e à vida. Por conseguinte esta é uma mudança filosófica e não psicológica ou pedagógica e muito menos didática. Significa compreender o mundo dialeticamente. (FRANCO, 1997, p. 29).

Mas o que é a Epistemologia Genética? Como podemos utilizar os conhecimentos desta teoria que se refere à explicação dos processos de conhecimento para compreender a aprendizagem e, mais especificamente, a aprendizagem escolar na criança?

Em linhas gerais, esta teoria concebe o conhecimento “como algo que surge da ação, seja ela prática ou mental. Mas ele não só surge da ação, mas sempre se consistirá numa ação” (FRANCO, 1997, p. 23). Ultrapassando as teorias já existentes sobre conhecimento, Piaget conclui que o conhecimento não está no sujeito ou no objeto, mas ele se constrói na interação do sujeito *com* o objeto. À medida que o sujeito imprime ação sobre o objeto, ele sofre a ação do objeto sobre ele. O desenvolvimento infantil, sob esta ótica, é um processo dinâmico, onde as crianças são ativas no seu processo de aprendizagem.

Indo ao encontro desta posição teórica, Coll (1979, apud BASSEDAS et al, 1996) nos apresenta o paradigma construtivista:

O sujeito participa ativamente na construção da realidade e o conhecimento que possuímos do mundo exterior é, sem dúvida, uma mistura das suas propriedades ‘reais’ e das nossas contribuições no ato do conhecimento. (COLL, 1979, apud BASSEDAS et al, 1996, p. 14).

Visto que a intenção de Piaget ao desenvolver sua Epistemologia Genética era desvendar a origem do conhecimento, baseou suas pesquisas no estudo com crianças, o que possibilitou a formulação dos estudos sobre os

estágios de desenvolvimento, atualmente muito utilizados como referência no ensino nas escolas inspiradas na teoria construtivista.

Relaciono a seguir os dois estágios de desenvolvimento presentes no período em que a criança está na educação infantil (0 a 6 anos), ciente que, conforme Piaget (2007), os níveis de desenvolvimento (ou estágios de desenvolvimento) seguirão necessariamente a mesma ordem de acontecimento, porém cada criança possui um ritmo próprio e único. Logo, de forma bastante comum verificaremos diferenças na faixa etária em que o estágio ocorre.

No estágio de desenvolvimento denominado **sensorio-motor**, a criança inicialmente ainda não consegue diferir-se do mundo. Ou seja, o mundo é um prolongamento de si mesmo. Conforme Piaget (2007, p. 9), esse “*adualismo [...] permanece até o momento em que a construção desse eu torna-se possível em correspondência e em oposição com os eus dos outros*”. A indiferenciação completa entre o subjetivo e o objetivo é outra característica das crianças nessa fase. O bebê relaciona, ainda que inconscientemente, tudo ao seu próprio corpo como se fosse o centro do mundo (PIAGET, 2007).

Neste estágio, a percepção de mundo ocorre de forma sensorial. Isso implica no fato de não existir conservação nos objetos, eles não possuem existência concreta. Para a criança, os objetos existem até o momento em que elas podem vê-los. Analisando essas características, e a maneira como se manifestam de forma prática, podemos citar Marques (2001):

Se a criança não estiver doente ou dormindo, ela estará em ação constante, todo o seu conhecimento manifesta-se através de sua ação direta sobre a realidade. Ela chuta, aperta, atira, morde, enfim, manipula tudo que estiver ao seu alcance [...] tudo é sensação e movimento, é sensorio-motor. (MARQUES, 2001, p. 52).

O estágio de desenvolvimento **pré-operatório**² geralmente inicia aos 18 meses de vida do sujeito. Nesse período a criança adquire a função simbólica, a linguagem, o pensamento. A capacidade de representação, que nada mais é que a “capacidade de representar um significante por meio de um significado (MARQUES, 2001, p. 53)”, surge nesse estágio.

² Piaget (2007) subdivide o estágio pré-operatório em diferentes níveis, os quais não serão especificados neste trabalho, tendo em vista os limites e objetivos deste texto.

Nesse momento, a criança torna-se capaz de interiorizar suas ações e representá-las. Conforme Piaget (2007, p. 16), no estágio pré-operatório “a tomada de consciência da ação é sempre parcial [...] os detalhes escapam-lhe”. É importante ressaltar que a interiorização das ações em representações ou pensamentos não se reduz a imaginar ou reproduzir signos, pois a criança – ao fazê-lo, modifica e enriquece seu pensamento inicial. Desse modo, ocorre a reconstrução das aprendizagens adquiridas no nível anterior.

2.1 CONTRIBUIÇÕES DA EPISTEMOLOGIA GENÉTICA À EDUCAÇÃO

A epistemologia genética serve de base para os educadores entenderem o processo de desenvolvimento infantil (MARQUES, 2001). A forma como concebemos esta aprendizagem vai determinar a maneira como vamos lidar com as crianças, como vamos possibilitar que aprendam e como vamos intervir em nossa prática docente.

Quando o educador conhece as maneiras como a criança pequena aprende, o mesmo possui subsídios para adequar sua prática de planejamento e intervenção e os objetivos que ele tem em relação a seus alunos. É importante que o professor conheça as etapas do desenvolvimento da criança nas mais diversas áreas para que possa saber como está se dando a aprendizagem e seu desenvolvimento.

Sabemos que a criança aprende através da interação: conhecendo seu corpo, interagindo com objetos, materiais, colegas, professores, familiares e demais pessoas com que convive no meio social. Se o objetivo da escola é prevenir as dificuldades de aprendizagem, proporcionar situações em que o aluno possa construir o conhecimento através dessa interação, do contato com o outro, é essencial. Um professor preocupado com a prevenção de dificuldades é um professor problematizador, que enriquece sua aula com situações de interação, as quais vão contribuir para a construção de conhecimento.

A relação que existe entre a concepção de aprendizagem que tem o professor e sua prática pedagógica é explicada por Bassedas (1996):

Toda pessoa que intervém na escola, no que se refere à aprendizagem dos alunos, adota, de forma mais ou menos clara e

mais ou menos coerente, uma explicação sobre como se aprende e, conseqüentemente, sobre como se deve ser planejado o ensino para que este processo seja mais fácil e consistente. (BASSEDAS, 1996, p. 15).

Concordo com Franco (1997) quando salienta a importância de que o professor inspirado na teoria construtivista pense em sua prática intencionalmente, organizando as interações da criança com o meio e problematizando as situações de modo que o sujeito possa construir o conhecimento sobre o tema que está sendo abordado.

3 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Durante muitos anos, os problemas de aprendizagem foram estudados exclusivamente a partir da perspectiva médica (SCOZ, 1994). Posteriormente, estas dificuldades de aprendizagem começaram a ser analisadas e pensadas sob o viés educacional, com o progresso dos estudos pedagógicos, sociológicos, antropológicos, lingüísticos, entre outros. Assim, procurou-se ir além da classificação proposta pela área médica (neurologia, neurofisiologia e neuropsiquiatria), em busca de uma visão despatologizante das dificuldades de aprendizagem. Atualmente, existem diferentes e variadas definições acerca do que seriam dificuldades de aprendizagem. Estas definições estão longe de apresentar um consenso, pois refletem a complexidade que o tema envolve (CORSO, 2008b). Entretanto, apresento a perspectiva utilizada neste trabalho, a qual vai ao encontro da definição de Corso (2008b):

[...] definimos alunos com dificuldades de aprendizagem aqueles que, independente das razões, apresentam desempenho acadêmico abaixo do que seria esperado para o seu nível de escolaridade necessitando, assim, de um olhar diferenciado. (CORSO, 2008b, p. 24).

Para Weiss (2012, p. 19) “considera-se fracasso escolar uma resposta insuficiente do aluno a uma exigência ou demanda da escola”. Na visão de Moojen (1999), podemos denominar dificuldades de aprendizagem como casos de baixo rendimento escolar associados a fatores isolados ou em interação, não relacionados a fatores biológicos. Estas dificuldades de aprendizagem podem ser revertidas com a devida intervenção metodológica e até mesmo com a supressão do fator externo causador da dificuldade. Também são designadas dificuldades de aprendizagem as alterações secundárias a outros quadros diagnósticos como deficiência mental, deficiência sensorial e/ou transtornos emocionais.

É importante ressaltar que a dificuldade de aprendizagem ocorre quando há um atraso no desempenho escolar (leitura, escrita e matemática), em relação ao esperado considerando à faixa etária e o nível de escolaridade. É necessário que o potencial de inteligência do sujeito esteja preservado. A literatura oscila ao estabelecer diferentes pontos de corte nos testes de QI,

para que este seja considerado mediano ou normal (CORSO, 2008b; MOOJEN & FRANCA, 2006).

3.1 SOCIEDADE, CRIANÇA E INSTITUIÇÃO ESCOLAR

Diversos autores (CORSO, 2008b, 2013; FICHTNER, 1987; MACEDO, 2012; MOOJEN, 1999; SCOZ, 1994; WEISS, 2012; GOLBERT & MOOJEN, 1996) mencionam a multiplicidade de fatores que estão relacionados ao surgimento das dificuldades de aprendizagem. Para Fichtner (1987), os distúrbios de aprendizagem na realidade representam uma resposta da criança “às hostilidades de ordem biológica, psicológica, familiar, escolar e social” (FICHTNER, 1987, p. 64).

Conforme Weiss (2012), existem três perspectivas sob as quais se pode analisar as dificuldades de aprendizagem. A primeira delas é a **da sociedade**, que abrange questões como o tipo de cultura, as condições e relações políticas sociais e econômicas vigentes, o tipo de estrutura social, as ideologias dominantes e as relações explícitas ou implícitas desses aspectos com a educação escolar. Analisar o tema dificuldades de aprendizagem envolve, dessa forma, compreender de forma crítica em que sociedade esta criança/escola está inserida, quais as suas expectativas em relação ao processo de escolarização, bem como a função social da escola.

Outra perspectiva de estudo do fracasso escolar diz respeito à **criança**, especificamente às suas condições internas de aprendizagem. Aspectos orgânicos, cognitivos, emocionais, sociais e pedagógicos são citados por Weiss (2012) como fundamentais, os quais vão influenciar a forma como o sujeito que aprende se relaciona com o conhecimento. É extremamente importante, ao verificar a dificuldade de aprendizagem sob este viés, que o professor saiba diferenciar erros construtivos, que vão significar avanços no desenvolvimento da aprendizagem na criança, de erros que de fato representam problemas e devem ser corrigidos mediante intervenção – e/ou encaminhamento, adequados.

A terceira perspectiva faz referência à análise da **instituição escolar**, em seus diferentes níveis, como sendo a maior contribuinte para o fracasso escolar de seus alunos. É nessa terceira perspectiva que pretendo me deter,

ciente de que a escola estará necessariamente atrelada às condições sociais em que está inserida.

A perspectiva que põe a instituição escolar como a principal responsável pelos problemas de aprendizagem, sugere pensarmos que: se os problemas são causados em sua maioria devido a equívocos no processo de escolarização (metodologia de ensino, didática, etc), uma alteração na forma de pensar e agir dentro da escola, pode reduzir os casos considerados como tendo dificuldades de aprendizagem. É importante, nesta perspectiva, pensar nos parâmetros de avaliação que têm sido utilizados, e as formas que o currículo escolar é construído na escola: existe relação com os saberes e conhecimentos do aluno? Os conteúdos escolares têm sentido para os educandos?

Ao compreendermos a complexidade dos fatores que podem desencadear as dificuldades de aprendizagem, podemos pensar nas possíveis formas de preveni-las. Assim, faz-se fundamental que os educadores atentem para estas questões visando um trabalho preventivo de dificuldades de aprendizagem, a partir da perspectiva da multiplicidade de fatores que as dificuldades de aprendizagem abrangem.

4 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Minayo (2011, p. 16) aponta que a pesquisa é “a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade”. Conforme a autora, toda pesquisa inicia-se a partir de um questionamento, a partir de um problema, de uma dúvida. O objetivo principal deste trabalho é exatamente elucidar um questionamento. Desejo investigar se a prevenção de dificuldades de aprendizagem é um tema discutido na escola de Educação Infantil e, se sim, de que modo tal prevenção ocorre.

A pesquisa, de abordagem qualitativa, compreendeu 9 entrevistas com professoras e gestoras de duas escolas localizadas em Porto Alegre - RS. Procuo averiguar de que maneira os responsáveis pela educação nestas escolas compreendem a prevenção das dificuldades de aprendizagem e de que forma isso vêm sendo tratado na escola de Educação Infantil. Busco evidenciar se existe a preocupação de prevenção na Educação Infantil, assim como observar de que forma o gestor e o professor identificam a prevenção de dificuldades de aprendizagem.

Utilizei entrevistas semi-estruturadas que são “perguntas básicas comuns para todos os sujeitos, que vão sendo ampliadas e complementadas de acordo com as respostas dos sujeitos” (DELVAL, 2002, p. 147). Ressalto que, em alguns momentos, as profissionais entrevistadas, ao responderem a pergunta 1, por exemplo, acabavam incluindo em suas respostas falas que corresponderiam às questões seguintes. Essa foi uma situação não planejada pela pesquisadora. Dessa forma, na entrevista que fiz com a primeira professora, fiz a segunda pergunta normalmente, mesmo que na questão anterior a mesma já tivesse expressado a resposta. A partir da entrevista realizada com a segunda professora, procurei verificar se, de fato, o assunto já estava abordado e, em alguns, casos repeti o questionamento de uma forma diferente, em outros casos, passei para a questão seguinte.

O desenvolvimento das questões foi pensado para que pudesse verificar a concepção de prevenção de cada profissional entrevistado: O que tu entendes por educação que visa à prevenção? Posteriormente, a questão mais específica “Tu acreditas que seja possível prevenir as dificuldades de aprendizagem já na Educação Infantil? Se sim, de que forma?”.

Com o intuito de enriquecer o trabalho, realizei os mesmos questionamentos referentes à prevenção de dificuldades de aprendizagem a uma professora de Ensino Fundamental – que atuasse no primeiro ano de escolarização básica, a fim de identificar o que esta conceberia por prevenção de dificuldades e o que poderia ser feito, neste sentido, no período em que as crianças se encontram na Educação Infantil.

A seguir, as questões propostas durante as entrevistas realizadas. Questionamentos direcionados às gestoras:

1. O que tu entendes por prevenção de dificuldades de aprendizagem?
2. Tu acreditas que seja possível prevenir as dificuldades de aprendizagem já na Educação Infantil? Se sim, de que forma?
3. A família poderia auxiliar na prevenção de dificuldades? Se sim, de que maneira?
4. Existe nesta escola alguma orientação dada aos educadores quanto a esta temática? Isso é algo institucionalizado?
5. Tua formação de subsidiou de alguma forma para que pudesses pensar a prevenção de dificuldades de aprendizagem?

Questionamentos direcionados às professoras atuantes na Educação Infantil:

1. O que tu entendes por prevenção de dificuldades de aprendizagem?
2. Tu acreditas que seja possível prevenir as dificuldades de aprendizagem já na Educação Infantil? Se sim, de que forma?
3. A família poderia auxiliar na prevenção de dificuldades? Se sim, de que maneira?
4. Existe nesta escola alguma orientação dada aos educadores quanto a esta temática? Isso é algo institucionalizado?
5. Tu enxergas alguma relação do preparo do professor quanto ao tratamento das dificuldades e da prevenção das mesmas em sua formação? Tua formação te proporcionou algum subsídio para prevenir dificuldades em tua prática?

Questionamentos direcionados à professora atuante no primeiro ano do Ensino Fundamental:

1. O que tu entendes por prevenção de dificuldades de aprendizagem?
2. Tu acreditas que seja possível prevenir as dificuldades de aprendizagem já na Educação Infantil? Se sim, de que forma?

3. A família poderia auxiliar na prevenção de dificuldades? Se sim, de que maneira?
4. Existe nesta escola alguma orientação dada aos educadores quanto a esta temática? Isso é algo institucionalizado?
5. Quais as dificuldades de aprendizagem mais comum que tu observas nos teus alunos de 1º ano?
6. O que tu achas que pode ou deve ser feito na Educação Infantil, que pode interferir positivamente na prevenção das dificuldades de aprendizagem que tu identificas nos teus alunos?
7. Tu enxergas alguma relação do preparo do professor quanto ao tratamento das dificuldades e da prevenção das mesmas em sua formação? Tua formação te proporcionou algum subsídio para prevenir dificuldades em tua prática?

Após a realização das entrevistas, fiz a transcrição do material gravado, para posterior análise dos dados. A íntegra desta transcrição consta no Anexo A deste trabalho. Ressalto que a gestora B, da escola municipal de Educação Infantil, preferiu não ter sua entrevista gravada.

4.1 SUJEITOS DE PESQUISA

Participaram desta pesquisa seis professoras atuantes na Educação Infantil e uma professora da turma de primeiro ano, além de duas gestoras. A pesquisa foi realizada em duas escolas localizadas em Porto Alegre - RS.

Tendo em vista que a metodologia do estudo abarca uma entrevista com uma educadora do primeiro ano do Ensino Fundamental, a primeira escola pesquisada, pública e estadual, foi escolhida por possuir ensino para crianças de 0 a 6 anos (Educação Infantil), bem como educação em nível Fundamental e Médio, sob a mesma gestão. Esta instituição também foi escolhida pela proximidade e facilidade de acesso e por ser considerada, no meio acadêmico, como uma boa escola.

Na primeira visita a esta escola, me apresentei como aluna do curso de Pedagogia da UFRGS e solicitei autorização para realizar as entrevistas de caráter bastante informal. *“Preciso saber a opinião das professoras de Educação Infantil sobre alguns temas ligados à dificuldade de aprendizagem”*, foi dito à vice-diretora da escola. Saltou-me aos olhos o fato de que a gestora,

imediatamente, informou que me “disponibilizaria” para pesquisa as professoras com formação complementar em psicopedagogia, mesmo eu tendo afirmado que seria uma conversa informal. Pareceu-me que havia ali uma necessidade de que a escola me fosse apresentada em sua melhor faceta, no caso, as professoras pós-graduadas.

Também houve uma insistência para saber com antecedência as questões das entrevistas. Expliquei que a metodologia de pesquisa escolhida incluía pesquisa com entrevistas feitas pessoalmente e que não seria possível mandar o questionário por e-mail e aguardar as respostas pelo mesmo canal. Apesar desta situação, quatro professoras concordaram em participar das entrevistas, três docentes na Educação Infantil e uma do Ensino Fundamental (1º ano).

Alguns dias depois, compareci em outra escola, desta vez municipal de Educação Infantil, também em Porto Alegre - RS. Por se tratar de uma escola que eu já conhecia³, fui recebida de uma maneira bem mais descontraída. As professoras perguntaram sobre meu tema de pesquisa, ofereceram ajuda, caso precisasse de mais entrevistandas. A direção se mostrou contente com a minha escolha de escola: *“As alunas da UFRGS vêm todas fazer pesquisa aqui!”*, comentou em determinado momento.

A escolha desta escola se deu pela facilidade de abordagem, sendo uma escola conhecida, não haveria maior resistência e “desconfiança” verificados na escola estadual pesquisada. Não posso negar que me senti mais à vontade em realizar a pesquisa na escola municipal de Educação Infantil, até pela forma como fui recebida. Porém, deixo claro que, no momento das entrevistas, procurei manter uma postura imparcial com todas as educadoras pesquisadas.

³Realizei, recentemente, prática docente nesta escola.

5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Durante a realização das entrevistas, pude constatar alguns fatores recorrentes: a concepção de prevenção de dificuldades esteve, em muitas das respostas, diretamente relacionada ao encaminhamento das crianças a profissionais especializados, fora da escola, à medida que se identifica algum indício de dificuldade. A família também foi citada como uma das responsáveis pelas dificuldades de aprendizagem. Para alguns professores, se a escola identifica o problema, ela encaminha. O pai decide se leva ou não o aluno ao profissional especializado.

Corso (2013) nos apresenta a idéia da “pedagogia do encaminhamento”, na qual “a instituição, sem esgotar os seus recursos próprios, encaminha os alunos para atendimento clínico sem muito critério” (CORSO, 2013, p. 69). Esta tendência, muito vista nas escolas, em considerar o encaminhamento psicopedagógico, fonoaudiológico ou psicológico uma resolução para os problemas de dificuldades de aprendizagem, vai de encontro com a perspectiva usada neste trabalho. Concordo com Ferreiro (1987 apud GOLBERT & MOOJEN, 1996, p. 89-90), quando afirma: “seguramente há menos patologia do que a que temos contribuído a inventar, convalidando, desde o diagnóstico precoce, uma decisão escolar que é preciso questionar”.

O enfoque é sobre o que a escola pode fazer para prevenir dificuldades de aprendizagem. Entretanto, acredito na importância de sabermos identificar quando um problema de aprendizagem pode ser resolvido na escola e quando será necessário auxílio de outros profissionais fora dela.

Creio que prevenir dificuldades de aprendizagem na escola de Educação Infantil é, a partir de um olhar sensível sobre as possibilidades e necessidades de cada criança, planejar atividades, projetos, discussões, etc., que visem favorecer um processo de aprendizagem saudável. A palavra prevenir seria antecipar-se às dificuldades, buscando evitá-las em outros momentos de escolarização do aluno.

5.1 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Foram definidas três categorias de análise, a partir das contribuições trazidas pelas educadoras. Com o tema gerador “Prevenção de Dificuldades de Aprendizagem”, surgiram vários assuntos e desdobramentos, sob os quais pode-se discutir e analisar a forma como está sendo pensada a prevenção de dificuldades de aprendizagem na Educação Infantil. É importante que os resultados não sejam generalizados, tendo em vista que a situação verificada corresponde ao momento atual destas escolas, especificamente.

5.1.1 Letramento e Alfabetização

Apresentarei, a seguir, um trecho da entrevista da professora B, a qual é elucidativa para a análise em questão⁴:

Acho que é muito forte essa coisa de querer alfabetizar a criança na Educação Infantil. E aí eu acho que eles chegam no primeiro, segundo ano já de saco cheio.

A opinião desta professora faz referência a um movimento bastante forte nas escolas de Educação Infantil: o objetivo principal de preparação para as séries iniciais. Questionada sobre o que para ela seria prevenção de dificuldades de aprendizagem na Educação Infantil, a mesma procura exemplificar uma forma de prevenir dificuldades, que seria não iniciar o processo de alfabetização na Educação Infantil. Respeitar o tempo da criança, e suas especificidades:

Respeitar a criança, respeitar as dificuldades dela também. Nem todo mundo é igual, nem todo mundo aprende da mesma forma, nem todo mundo sabe fazer o desenho perfeito quando chega no jardim B. Acho que isso, respeitar o tempo da criança. Professora B.

Conhecer as letras e os nomes, o próprio, o dos colegas, o dos familiares, da professora, etc., é algo bastante saudável na Educação Infantil, desde que o interesse por conhecê-los parta da criança. A crítica é no sentido de que não seja algo imposto e, ao mesmo tempo, não se perca de vista os objetivos desta fase de escolarização.

⁴ Foi adotado o uso de moldura no texto que corresponde à fala dos sujeitos entrevistados, a fim de diferenciar este texto de uma citação bibliográfica.

A tentativa de alfabetizar na Educação Infantil, sem que a criança possua ainda estruturas cognitivas para compreender o código da língua escrita, pode gerar na criança uma ansiedade e causar situações de frustração, sentimentos que podem desencadear dificuldades de aprendizagem (CORSO, 2008a). Moojen e França (2006) apontam estratégias possíveis na intervenção com sujeitos disléxicos⁵. Dentre elas está a necessidade de se valorizar o contexto e, portanto, considerar a distância entre o que é exigido da criança e o que realmente está em condições de realizar com ou sem ajuda. Esta estratégia é válida não somente para crianças disléxicas, mas para todos os sujeitos aprendentes. Conforme Weiss (1997, p. 17), “o desrespeito à criança, no seu ritmo de construção da leitura e da escrita, poderá gerar tanta ansiedade, que as dificuldades formadas estancarão o processo”.

A temática alfabetizar na Educação Infantil também é rejeitada pela professora F:

A gente tem essa possibilidade já no jardim, de verificar algumas coisas que podem desencadear algum tipo de dificuldade lá na frente. A questão principalmente de foco e atenção, é uma coisa que a gente pode observar. A do grafismo eu acredito que não ainda, porque o enfoque da Educação Infantil não é alfabetizar. A gente inicia o letramento, a gente inicia alguns processos de pensamento matemático, mas de uma forma muito lúdica, que é diferente do primeiro ano.

Ao rejeitar a hipótese de alfabetizar na Educação Infantil, a professora F cita uma opção “mais lúdica” à alfabetização, que seria iniciar o letramento. De acordo com Soares (2014, p. 15), alfabetização é o “processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita”. É um fenômeno de natureza complexa, multifacetado (SOARES, 2014). Letramento pode ser definido como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (KLEIMAN, 1995, p. 19).

Para Soares (1998, p. 47), “o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado”. Nessa perspectiva, Kato (1986, apud MORTATTI, 2004) apresenta o papel da escola:

⁵ A Dislexia é um transtorno de aprendizagem da leitura e da escrita. Para maior compreensão deste tema, orientamos a leitura de Sonia Moojen e Márcio França, 2008.

[...] a função da escola, na área da linguagem, é introduzir a criança no mundo da escrita, tornando-a um cidadão funcionalmente letrado, isto é, um sujeito capaz de fazer uso da linguagem escrita para sua necessidade individual de crescer cognitivamente e para atender às várias demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem como um dos instrumentos de comunicação (KATO, 1986 apud MORATTI, 2004, p. 88).

Scoz, (1994) cita a necessidade de possibilitar à criança atribuir significado ao símbolo escrito, compreendendo o seu valor social. Acredito que seja esta uma das funções da escola de Educação Infantil, quanto à prevenção de dificuldades de aprendizagem. Auxiliar a criança a perceber a função social da língua escrita poderá desenvolver o seu interesse pela mesma. Ainda sobre alfabetização e letramento, Santos (2009) explica:

[...] muito antes de as crianças começarem a ler, elas precisam ter experiências de linguagem e letramento em casa e na pré-escola para desenvolver um grande número de capacidades que darão suporte, mais tarde, para a aprendizagem da linguagem escrita. Essas experiências incluem as músicas infantis com rimas e aliterações, ouvir histórias lidas e examinar os livros de histórias [...]. A qualidade dessa exposição a um ambiente letrado está diretamente ligada à motivação que a criança terá para aprender a ler e escrever. (SANTOS, 2009, p. 115).

Mas afinal, devemos ou não devemos alfabetizar na Educação Infantil? O letramento deve ser iniciado nesta fase, como sugere a professora F? Estas perguntas me parecem, em princípio, fundamentadas na idéia de que o professor é quem decide quando a criança iniciará os processos de alfabetização e letramento, que, como vimos, são termos distintos. Isso supõe acreditar que o acesso à língua escrita começa no dia que os adultos decidem.

Concordo com Ferreiro (2011, p. 95) quando a mesma afirma que as crianças “*iniciam* o seu aprendizado do sistema de escrita nos mais variados contextos, porque a escrita faz parte da paisagem urbana, e a vida urbana requer continuamente o uso da leitura”. Dessa maneira, seria importante trabalhar na perspectiva de proporcionar às crianças ocasiões de aprender.

Não tem sentido deixar a criança à margem da língua escrita, “esperando que amadureça”. Por outro lado, os tradicionais “exercícios de preparação” não ultrapassam o nível do exercício motriz e perceptivo, quando é o nível cognitivo aquele que está envolvido (e de forma crucial), assim como complexos processos de reconstrução da linguagem oral, convertida em objeto de reflexão (FERREIRO, 2011, p. 98).

Esta discussão acerca de alfabetização e letramento está fundamentada na concepção de aprendizagem que cada educador possui. Envolve as maneiras como ele acredita que acontece a aprendizagem e o desenvolvimento na criança. Acredito que seja importante que o educador que atua na Educação Infantil reflita sobre a prevenção de dificuldades considerando os aspectos acima mencionados, visto que a forma como abordamos estas temáticas em sala de aula poderá desencadear dificuldades de aprendizagem ou auxiliar na prevenção destas.

5.1.2 Formação Continuada

Todas as professoras entrevistadas, mesmo não tendo sido questionadas diretamente sobre o assunto, elencam a formação continuada, que pode se dar por meio de reuniões pedagógicas, formações na própria escola e oferecidas pelas secretarias de educação e/ou realizadas por iniciativa própria da educadora, como principal meio de obter subsídios quanto ao assunto dificuldades de aprendizagem e prevenção.

| |
|---|
| Claro que a gente tem que estar sempre em busca, sempre se atualizando, sempre em busca. Professora C |
|---|

| |
|---|
| A gente tem que estar sempre em busca, sempre se atualizando. Professora E. |
|---|

Primeiramente, é necessário garantir uma sólida formação inicial, que possibilite ao professor um bom repertório teórico e metodológico (NÓVOA, 2003). Mas esta formação inicial sólida não garante ao educador os subsídios necessários para que este dê conta das importantes interfaces das questões pedagógicas surgidas no cotidiano escolar.

Nóvoa (2003) defende o pensamento reflexivo baseado na experiência. Isso quer dizer que não só precisamos de formação inicial sólida, como uma constante reflexão sobre a experiência docente. Conforme este autor, o ambiente escolar demanda um espaço de aprendizagem cooperativa, onde os professores dialoguem e reflitam juntamente com seus colegas. Dessa forma, pensamos em propor que os educadores busquem dividir suas experiências na própria escola, a fim de que a reflexão coletiva possibilite um crescimento coletivo dos saberes do grupo.

É importante compreender que o professor não sairá da Universidade com todos os subsídios necessários para intervir frente aos problemas que surgem em sala de aula. A escola e os sujeitos que a compõem fazem parte da sociedade que está em constante mudança. Por este motivo, torna-se tão importante a formação continuada, o diálogo entre professores, a troca de experiências, e a busca constante para estabelecer relações entre os saberes teóricos e as experiências práticas.

Abaixo, temos a fala da professora G, que menciona outra questão referente à formação continuada:

O cuidado que o professor tem que ter com a sua formação: por exemplo, não esperar só vir da mantenedora. Ele tem que também buscar cursos por conta própria. Eu acho que isso é uma via de mão dupla, tu tem que contar com a formação da mantenedora ou da escola, da instituição que tu está, mas tu também tem que buscar coisas por fora. O professor não pode ser um sujeito acomodado que espera tudo cair na sua mão de bandeja, por que isso não vai acontecer. E ai ele vai sentir necessidade de ter outros requisitos que as vezes a mantenedora não vai trazer. Conversar com especialistas, fazer cursos, manter o contato com a Universidade. Eu acho que tem muitas vias, tem muitas possibilidades. O que não dá é a gente se acomodar.

Esta fala diferencia-se das demais entrevistas no sentido de explicitar a necessidade do professor buscar cursos e aperfeiçoamento por si próprio, e não somente esperar que a escola providencie sanar as necessidades de formação. O ideal, a meu ver, seria que a instituição pudesse prover os cursos, formações, bem como pudesse incentivar (inclusive financeiramente) mestrados, doutorados, especializações, etc. É responsabilidade da gestão escolar possibilitar momentos em que os professores possam discutir coletivamente suas dúvidas, seus anseios e necessidades acerca da prática educativa, concebendo ser estes momentos de aperfeiçoamento e contribuição para a qualidade do ensino.

Aqui no estado a gente não tem formação continuada, a gente tem as reuniões que aqui na escola é diferente, outras escolas tem menos ainda sabe. Acho que é isso, eu nunca vou me sentir preparada para nada assim, preparada mesmo. Só que a maneira como a gente lida com as coisas, a gente busca ajuda. Acho que dá pra resolver assim alguma coisa. Professora B.

O que a professora B observa é que os momentos de formação, quando existem, não são suficientes para comportar as necessidades de conhecimento das múltiplas questões que surgem na sala de aula e que demandam

intervenções precisas por parte dos educadores. Nesse sentido, precisamos buscar meios para que as formações possam ocorrer, de forma sistemática, e que possam incluir em seus temas a prevenção de dificuldades. Creio que a formação continuada precisa ser uma das reivindicações dos professores, na constante busca da qualidade da educação.

5.1.3 Parceria com as Famílias

A família é fundamental em todo o nosso processo. Não existe um distanciamento da escola com a família. A gente aqui trabalha com o produto da família que é a criança. Professora D.

Eu acho que a família tem que ser participante desse processo. Não consigo entender a família separada disso. Por isso o dialogo entre escola e a família é fundamental. Professora E.

Família a escola tem que estar sempre junto, sempre presente, porque o objetivo é o mesmo. Acho que isso é muito importante. Professora F.

A partir destas falas podemos discutir o que, a meu ver, é a temática mais complexa analisada neste trabalho: a relação entre as famílias e a escola e a relação da família com a aprendizagem escolar das crianças. Primeiramente, é necessário compreender que “a família é parte de um contexto mais amplo que é o sistema social, sendo moldada por ele” (MACEDO, 2012, p. 187). Nessa perspectiva, é necessário olhar a família como um sistema aberto, dinâmico, em constante transformação (MACEDO, 2012).

A idéia de que não compete apenas à escola a função de educar, mas também à família, explicita a necessidade do trabalho em conjunto entre estas duas instituições sociais.

É evidente que, sendo o desenvolvimento um processo global, qualquer dificuldade está relacionada tanto a características próprias da criança quanto a atitudes da família e da escola, afetando sempre a criança enquanto pessoa. Portanto, é superimportante assumir-se a postura de que a produção da criança é o resultado da inter-relação de toda essa rede que constitui o contexto de sua vida. (MACEDO, 2012, p. 198-199).

Cada um tem as suas atribuições. Eu digo o filho é dos pais, o aluno é da escola. Cada um tem as suas competências. Só que isso se confunde, então o professor

também tem esse papel de direcionar essas atribuições: o papel da família e o papel da escola. Professora F.

A professora F, na fala acima, enseja diferenciar os papéis da família e da escola, quanto à educação das crianças (filhos e alunos). A mesma explica que isso, o que é atribuição de um e de outro, acaba se confundindo, no sentido de que a escola assume papéis que não são seus, e a família acaba negligenciando algumas de suas atribuições. Existe no âmbito escolar uma tendência em culpabilizar as famílias pelos problemas de aprendizagem:

Só que nem sempre os pais estão fazendo isso que a escola pede, a escola solicita, mas nem todos cumprem a sua parte. [...] Eu acho que falta mais é a participação da família. O que eu mais noto em qualquer escola que eu tenha trabalhado é essa dificuldade da família em realizar as solicitações que a escola pede. Caminhar junto porque não adianta só a gente detectar aqui, encaminhar e a família não ajudar. Professora A.

Existe uma distância entre as famílias e a escola, possivelmente pela idealização de “família perfeita” que a escola mantém, a qual não existe. Tendo em vista a importância de que estas duas instituições sociais trabalhem em conjunto no objetivo maior que é educar as crianças, é necessário ter em mente que “nenhuma configuração familiar é melhor do que outra, no sentido que a família é o que tem sido possível ser em função de seu contexto, de sua herança, da fase de vida em que está (MACEDO, 2012, p. 200)”.

A participação da família é bem importante [...] quanto mais puder oferecer meios de jogos, de livros, literatura, tudo vai contribuir para que na escola a criança já tenha uma determinada organização. Então, com certeza o papel da família é bem importante. Professora C.

A professora C menciona a relação entre a organização que a família proporciona ao aluno e sua importância deste comportamento para a aprendizagem escolar, o que vai ao encontro das idéias de Fichtner (1987):

[...] a prevenção dos distúrbios de aprendizagem deveria começar no meio familiar, na medida em que o grupo familiar possa se constituir num continente das ansiedades infantis e, ao mesmo tempo, funcione como organizador das condutas e comportamentos da criança. Em resumo, a família é a matriz dos pré-requisitos necessários para a aprendizagem e adaptação escolar. (FICHTNER, 1987, p. 63).

As famílias podem contribuir de diversas maneiras na prevenção de dificuldades de aprendizagem. Pais superindulgentes, ou que exercem um

excessivo controle nas atividades dos filhos, podem gerar comportamentos de baixa tolerância à frustração, dificultando o desenvolvimento afetivo, cognitivo e psicomotor (SCOZ, 1994). Concordando com a autora, podemos pensar que a forma como os pais vão agir perante o filho vai colaborar, ou não, para aprendizagem e desenvolvimento saudáveis:

[...] pais que são afetuosos, controladores sem serem restritivos demais, costumam utilizar explicações para justificar as regras que governam a vida cotidiana da família e animam a criança a ser independente contribuem para maior auto-regulação na escola, melhor desempenho escolar e melhor ajustamento em sala de aula. (MARTURANO, 1999, p. 23).

A família também auxilia no desenvolvimento da fala na criança, já que poderá estimular ou não, a função da linguagem. Crianças superprotegidas, que não têm espaço para falar e se expor frente a conflitos, costumam ter esse comportamento refletido na escola. Bebês que recebem objetos, alimentos, etc, sem a necessidade prévia de solicitá-los verbalmente, costumam desenvolver de forma mais lenta a fala. Atitudes simples, como possibilitar que a criança mastigue os alimentos – que não devem estar extremamente triturados, é uma forma de contribuir para o fortalecimento dos músculos da face, sendo essa uma maneira de prevenir possíveis dificuldades de aprendizagem relacionadas à escrita e leitura, co-relacionadas à fala.

É necessário ressaltar que a intenção não é estabelecer uma relação de causa e efeito, assim como identificamos nas falas de algumas educadoras entrevistadas. Pensamos a temática numa perspectiva de família dinâmica, de relações complexas e que ocorrem em determinados momentos do ciclo familiar, abarcando a capacidade de mudança que a família tem. Dessa forma, um círculo familiar desorganizado, ou disfuncional (MACEDO, 2012), pode se organizar e superar os problemas que causam essa disfuncionalidade.

De acordo com este ponto de vista, a afirmação categórica: “a família é assim” ou “a família não cumpre seu papel”, conforme fala das professoras A, B, C, D, F, precisaria ser modificada pela afirmação “a família encontra-se assim neste momento de vida”. Acredito na importância da escola ampliar a visão de família, compreendendo sua capacidade de mudança e superação de dificuldades, a fim de estabelecer relações mais efetivas com ela.

5.2 DESDOBRAMENTOS DA PESQUISA

Com a intenção de enriquecer o trabalho de pesquisa e as discussões acerca da temática prevenção de dificuldades de aprendizagem, foi definido como metodologia de pesquisa que seria feita uma entrevista com uma educadora de uma turma de primeiro ano. Minha hipótese inicial era que, pelo fato desta professora ter contato diário com os alunos de primeiro ano, poderia mencionar com propriedade as principais dificuldades de aprendizagem verificadas nesta etapa, bem como contribuir com ações que poderiam ocorrer na Educação Infantil para que estas dificuldades fossem prevenidas.

A partir das falas desta (professora A), podemos problematizar alguns aspectos relevantes.

[...] tem aquelas dificuldades de espelhar letras, espelhar números...

[...] nesse primeiro momento eu tenho uma ou duas crianças com problema de fala, então essa criança já deve ter sido encaminhada...

[...] eu acho assim, já é feito lá o alerta aos pais, a conversa com os pais, pra dizer das dificuldades da criança e o encaminhamento.

Percebi que o conceito de prevenção de dificuldades de aprendizagem estava, pelo menos naquele momento, erroneamente sendo utilizado numa perspectiva de encaminhamento. Desta forma, para a professora A, prevenir dificuldades de aprendizagem é encaminhar o aluno com problemas ou indícios de dificuldades, a outro profissional especializado fora da escola. Os pais têm papel importante neste momento, pois são eles que decidem se consideram o encaminhamento da escola ou não. Nesse sentido, minha hipótese inicial de que poderia haver algum tipo de aporte para discutir as questões de prevenção, tendo em vista o convívio e manejo com as dificuldades na aprendizagem, não se concretizou.

A professora A também menciona espelhar letras e números como sendo dificuldades na aprendizagem. Sabemos que estes “erros” são etapas da aprendizagem da criança. Conforme Scoz (1994), “[...] no início da escolarização, o espelhamento é transitório e normal, pois pode fazer parte do amadurecimento dos aparelhos neurológico, ocular, etc. (SCOZ, 1994, p. 58)”.

Dessa forma, a inversão de letras não deve caracterizar-se como fenômeno patológico (SCOZ, 1994).

Outro ponto importante observado nas entrevistas foi a fala da gestora A:

Na educação infantil, o que eu acredito: tu tem que trabalhar com o corpo da criança. Se ele não conhece o corpo ele vai apresentar dificuldades de aprendizagem lá no primeiro, no segundo, no terceiro ano. Eu lembro que na faculdade a professora falava que depois quando chega lá nessa idade ou nesse ano, tu tem que fazer uma reeducação psicomotora porque foi alguma coisa no corpo desta criança que não ficou bem trabalhada. Que ficou uma seqüela. Então eu acredito que a prevenção é trabalhar com atividades que envolvam muito o corpo.

Acredito que o trabalho com o corpo vai colaborar de diversas maneiras para o desenvolvimento saudável da criança. Explorar as múltiplas linguagens da criança (GOBBI, 2010), e a corporeidade é uma delas, é uma das estratégias de prevenção consideradas importantes nesse trabalho. Porém, fica evidente a forma como a prevenção de dificuldades de aprendizagem não pode se resumir a desenvolver a linguagem corporal apenas, como citado pela entrevistanda. Ao reduzir a idéia de prevenção ao trabalho com o corpo, perde-se de vista a multiplicidade de fatores que fazem parte do processo de aprendizagem e que também precisam ser destacados, como por exemplo, o trabalho com a linguagem, a cognição, o afeto, a autonomia, as relações sociais de cooperação.

Da mesma maneira, a professora C cita a rotina, como uma das formas de prevenir dificuldades de aprendizagem:

Eu entendo que é muito importante em cada nível ser bastante trabalhado essa questão de brincar livre, jogos, de momento de rotina, de rodinha, do próprio lanche, o pátio...Quando a criança tem todo um trabalho de rotina, já acontece uma prevenção automaticamente, porque eles já são crianças que têm uma determinada estrutura de rotina, de trabalho, de hora de lanche, de pátio, enfim, de cada momento.

Creio que esta educadora quis se referir à idéia de organização temporal, sucessão de fatos, eventos, os quais são necessários para uma adaptação à escola e organização para a aprendizagem. Para Barbosa (2006), a rotina é um componente importante para estruturar e organizar os tempos e espaços das instituições de Educação Infantil, considerando as

especificidades dos sujeitos envolvidos. No entanto, novamente, ficam de fora outros aspectos muito importantes acerca da temática prevenção. É importante que esta visão de prevenção de dificuldades não fique reduzida a um ou outro comportamento. Prevenir dificuldades de aprendizagem envolve, como já foi dito, compreender as diversas maneiras e estratégias que o aluno utiliza para aprender. Por este motivo, a prevenção de dificuldades de aprendizagem precisa envolver uma gama de intervenções, que busquem o desenvolvimento saudável da criança.

6 ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO

Após a realização deste estudo, que envolveu também a análise bibliográfica da temática prevenção de dificuldades de aprendizagem na Educação Infantil, apresento neste capítulo algumas estratégias pensadas nesse sentido. Procuo discutir possibilidades de prevenção não mencionadas pelas educadoras, as quais considero importantes.

Pensar em prevenção na Educação Infantil não é algo simples. Pelo contrário, envolve a compreensão da forma como a criança aprende e quais estruturas cognitivas a mesma precisará para progredir no campo do conhecimento. Concordo com Corso (2013) quando afirma:

A partir de uma perspectiva preventiva, buscando uma compreensão mais global dos problemas de aprendizagem, a Psicopedagogia pode oferecer caminhos para o favorecimento de aprendizagens e desenvolvimento saudáveis. (CORSO, 2013, p. 68).

A primeira estratégia diz respeito ao conhecer e respeitar o aluno. Na Educação Infantil não é comum a existência de testes avaliativos, provas, ditados e demais instrumentos de avaliação da capacidade das crianças em desempenhar determinadas tarefas. Nesse período a avaliação é o resultado de um olhar minucioso do professor frente a seus alunos:

Conhecer os diferentes perfis cognitivos dos alunos nos fornece pistas para uma intervenção mais efetiva, do mesmo modo que instrumentaliza o professor a diferenciar quais as dificuldades que podem ser trabalhadas em sala de aula e quais as que necessitam de um encaminhamento específico. (CORSO, 2013, p. 69).

Para que o professor tenha condições de conhecer seu aluno, é importante um acompanhamento individualizado de cada criança, por mais difícil que esta tarefa possa parecer, tendo em vista a condição que se encontra a educação no Brasil atualmente: salas de aula super lotadas, professores sobrecarregados, diálogo com a família prejudicado, etc. Respeitar o aluno supõe propor atividades que estejam adequadas às capacidades que se pode esperar de cada criança, levando em consideração fatores como idade, estratégias de aprendizagem e estágio de desenvolvimento em que se encontra. Dessa forma, não esperamos que uma criança de 4 anos realize cálculos matemáticos complexos, por exemplo, se considerarmos que a mesma ainda não dispõe de estruturas cognitivas para tal. Smith (1985, apud

GOLBERT & MOOJEN, 1996, p. 90) afirma que “quanto maior a congruência entre as características da criança e as características do programa que lhe é previsto, maior é a probabilidade de sucesso escolar”.

Respeitar a criança significa, também, avaliar de forma processual. Trabalhar nesta perspectiva implica analisar o processo de desenvolvimento da criança num determinado período, levando em consideração os avanços que ela teve em relação a si mesma, valorizando suas aprendizagens. Acredito que avaliar a criança a partir de um modelo idealizado de aluno é uma forma de desrespeito à criança, concebendo que todas as crianças são diferentes entre si, têm suas peculiaridades e especificidades. Para Scoz (1994):

Não resta dúvida de que o processo de avaliação deve refletir os progressos alcançados mesmo quando pequenos, e que, ao fazer com que a criança perceba sua evolução, a professora poderá motivá-la para aquisição de novas aprendizagens. (SCOZ, 1994, p. 105).

A valorização da auto-estima também deve ser algo pensado na escola, não somente na de Educação Infantil, de forma que o aluno possa se sentir capaz de desenvolver novas aprendizagens. De acordo com Corso (2008a):

É necessário que desde a educação infantil sejam oferecidas situações em que a criança possa vivenciar o sucesso. Vivências dessa ordem são significativas para a regulação da auto-estima que, por sua vez, desempenha um papel essencial para a aprendizagem. (CORSO, 2008a, p. 25).

Indo ao encontro desta idéia, Felipe (2001, p. 31) afirma que “cabe ao adulto ajudar na construção da auto-estima infantil, fornecendo a criança uma imagem positiva de si mesma, aceitando-a e apoiando-a sempre que for preciso”. Logo, valorizar as capacidades da criança e reconhecê-las dentro de um processo de desenvolvimento é uma das atribuições do professor que visa à prevenção das dificuldades na escola de educação infantil.

Realizar um trabalho de qualidade com as crianças é uma forma de prevenir dificuldades de aprendizagem. Esta afirmação exige explicitar o conceito de trabalho de qualidade na Educação Infantil. Nesta perspectiva, trabalho de qualidade abarca dar conta das possibilidades infantis, considerando a criança em suas multiplicidades de expressão e linguagem. Nesse sentido, concordo com Gobbi (2010), quando afirma:

Sabemos que as crianças expressam-se utilizando várias linguagens, com as quais constroem a si mesmas e as culturas nas quais estão inseridas [...] mas que, por vezes, encontram-se enfraquecidas no cotidiano infantil devido à ausência de propostas, que mesmo simples, procurem garantir processos de criação em que os questionamentos, a busca criativa por diferentes materiais, o respeito pelo trabalho individual e coletivo, estejam presentes. Cabe aos adultos, junto com seus pares e as crianças, criarem espaços no cotidiano de creches e pré-escolas em que as manifestações infantis estejam presentes, sendo compreendidas. (GOBBI, 2010, p. 1).

Ao se pensar em valorização das múltiplas linguagens infantis, cito o brincar, que é uma das linguagens da criança. O cotidiano de uma escola infantil deve prever momentos para o brincar:

A brincadeira é algo que pertence à criança, à infância. Através do brincar a criança experimenta, organiza-se, regula-se, constrói normas para si e para o outro. Ela cria e recria, a cada nova brincadeira, o mundo que a cerca. O brincar é uma forma de linguagem que a criança usa para compreender e interagir consigo, com o outro, com o mundo. (DORNELLES, 2001, p. 104).

A importância do brincar está no próprio ato de realizar a brincadeira. O brincar não precisa de finalidade, o objetivo é brincar. Sabemos que o ato de brincar envolve atividades físicas e mentais e contribui para o desenvolvimento da subjetividade. É através do brincar que a criança pequena interage com o mundo. Vidal (2001) alerta para que não se utilize o brincar como uma “ferramenta pedagógica”, ou seja, uma atividade dirigida em que a finalidade é a aprendizagem. O brincar é concebido como um objetivo na Educação Infantil:

Muitas vezes, ao invocar na escola o binômio brincar- aprendizagem, privilegia-se o ensino dirigido sobre o brincar, descaracterizando-o ao sufocá-lo. Ao fazer da brincadeira ou do jogo um modo de ensinar e aprender corre-se o risco de transformá-los em atividades dirigidas, em jogos/brincadeiras didatizadas – deixam de ser jogos e brincadeiras. (VIDAL, 2001, p. 46).

A escola infantil é uma das responsáveis por possibilitar a autonomia na criança pequena. Crianças autônomas desenvolvem melhor suas capacidades, não serão crianças “medrosas”, com sentimento de incapacidade: “eu não sei”, “não consigo”. Proponho que façamos uma reflexão sobre até que ponto as práticas escolares possibilitam que a criança desenvolva sua autonomia. Na Educação Infantil, essas práticas podem ser denominadas “minúcias da docência”. Minúcias da docência são aqueles atos que não são

institucionalizados, mas conferem à prática pedagógica a sensibilidade do educador.

Estimular uma criança a trocar de roupa sozinha, a levantar sozinha as mangas de sua camiseta na hora de realizar uma atividade com tinta. Possibilitar, através de intervenções pontuais, que a criança se dê conta de que está com frio, ou com muita roupa quando está quente, são pequenos atos que não fazem parte do currículo na Educação Infantil, mas que contribuem para a formação de crianças mais autônomas e, conseqüentemente, menos propensas a desenvolver dificuldades de aprendizagem.

Por último, e não menos importante, relaciono o trabalho com a consciência fonológica uma das formas de prevenção de dificuldades de aprendizagem, o qual pode ocorrer já durante a Educação Infantil. Consciência fonológica, no conceito mais amplamente aceito pelos estudiosos, é “um grande conjunto ou uma grande constelação de habilidades de refletir sobre os segmentos sonoros das palavras (MORAIS, 2012, p. 84)”.

Tendo em vista que a apropriação do sistema de escrita alfabética depende, além de outros fatores, das oportunidades vividas dentro e fora da escola, acredito que o ensino que possibilite às crianças refletir sobre as palavras, brincar com elas, a partir de sua dimensão sonora e gráfica, é uma das necessidades das escolas de Educação Infantil.

Como defende Morais (2012, p. 15), “é preciso ajudar as crianças a cedo descobrirem as regras ou propriedades do sistema alfabético e a consciência fonológica tem um grande papel nessa empreitada”. À medida que possibilitamos e facilitamos o processo de aprendizagem da língua escrita, estaremos agindo no sentido de prevenir dificuldades de aprendizagem relativas à leitura, escrita e matemática.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos na pesquisa, posso refletir sobre alguns aspectos importantes. Muito pouco se ouve falar em prevenção durante a formação básica nos cursos voltados à formação de professores. Na faculdade de Pedagogia da UFRGS, por exemplo, à exceção das disciplinas em que especificamente se discute a Psicopedagogia e as dificuldades de aprendizagem, dificilmente se propõe a reflexão sobre a prevenção de problemas ou fracasso escolar. O currículo explora principalmente a exposição de boas práticas, didática, ação pedagógica, fazer docente, temas que de fato colaboram na prevenção de dificuldades de aprendizagem. Entretanto, não há um aprendizado específico sobre esta temática.

Acredito que o objetivo da pesquisa, que foi o de investigar se a escola de Educação Infantil tem pensado nas questões de prevenção de dificuldades, foi cumprido. Pude verificar que ainda não há algo institucionalizado sobre a temática prevenção, os conceitos prevenção e dificuldade se confundem em muitos momentos. Quando se pensa em prevenção, nas escolas pesquisadas, sugere-se intervenções feitas por profissionais fora da escola, após o aparecimento de indícios de dificuldades. Em contrapartida, pude identificar que algumas das professoras entrevistadas explicitaram atividades e intervenções que poderiam sim surtir efeitos na perspectiva preventiva.

Da mesma forma, acredito que mesmo tendo em mente atitudes de prevenção, professoras e gestoras não consideram intencionalmente o ato de prevenir. Percebi que as intervenções nesse sentido ocorrem de forma intuitiva.

Após a realização das entrevistas, observei que algumas das professoras, as quais possuo contato em redes sociais, “postaram” artigos disponíveis em meios eletrônicos sobre prevenção, demonstrando que, possivelmente por causa da entrevista, se sentiram motivadas a pesquisar a respeito. Isso sugere que toda a avaliação é também uma intervenção, no sentido de que ao perceberem que não tinham as respostas, necessitaram pesquisar.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem. **Por amor e por força**: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BASSEDAS, Eulália et al (Orgs.). **Intervenção Educativa e Diagnóstico Psicopedagógico**. Tradução por Beatriz Affonso Neves. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

COLL, César. **El concepto de desarrollo en psicología evolutiva: aspectos epistemológicos**. Infancia y Aprendizaje: Journal for the Study of Education and Development, 1979, n. 7, p.60-73.

CORSO, Luciana Vellinho. Dificuldades de Aprendizagem e Educação Infantil. In: **Pátio Educação Infantil**, Porto Alegre, v.6, n.16, p. 22-25, mar/jun. 2008a.

_____. **Dificuldades na leitura e na Matemática**: um estudo dos processos cognitivos em alunos da 3ª a 6ª série do Ensino Fundamental. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 218 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008b.

_____. Aprendizagem e Desenvolvimento Saudável: Contribuições da Psicopedagogia. In: **Aprendizagem e desenvolvimento saudável**: Contribuições da Psicopedagogia. Porto Alegre: ediPUCRS, 2013. P.64-76.

DELVAL, Juan. **Introdução à Prática do Método Clínico**: descobrindo o pensamento das crianças. Tradução por Fátima Murad. Porto Alegre: Editora Artmed, 2002.

DORNELLES, Leni Vieira. Na Escola Infantil todo Mundo Brinca se Você Brinca. In: CRAYDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis (Orgs). **Educação Infantil**: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001. P.101-108.

FELIPE, Jane. O Desenvolvimento Infantil na Perspectiva Sociointraçionista: Piaget, Vygotsky, Wallon. In: CRAYDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis (Orgs). **Educação Infantil**: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001. P.27-37.

FERREIRO, Emília. El aprendizaje en el niño y las aprendizajes escolares. In: ELICHERIRI, N.E. **El niño em la escuela**: reflexiones sobre lo obvio. Buenos Aires: Nueva Visión, 1987. P. 4-8.

_____. **Reflexões sobre alfabetização**. 26. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

FICHTNER, N. Distúrbios de aprendizagem – aspectos psicodinâmicos e familiares. In Scoz, B.; Rubinstein, E.; Rossa, E.; Barone, L. (Orgs.). **Psicopedagogia**: O caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional. Porto Alegre: Artmed, 1987. P.56-65.

FRANCO, Sérgio. **O Construtivismo e a Educação**. 6. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 1997.

GOBBI, Márcia. **Múltiplas linguagens de meninos e meninas no cotidiano da educação infantil**. Disponível em: [<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=6678&Itemid=>](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=6678&Itemid=>). Acesso em: 17 mar. 2015.

GOLBERT, Clarissa.; MOOJEN, Sônia. Dificuldades na aprendizagem escolar. In: SUKIENNIK, Paulo (Org.). **O aluno problema**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996. P 79-110.

KATO, Mary. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolingüística. São Paulo: Ática, 1986.

KLEIMAN, Ângela. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a pratica social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 1995. P.15-61.

MACEDO, Rosa Maria. A família diante das dificuldades escolares dos filhos. In: OLIVEIRA, Vera; BOSSA, Nadia (Orgs.). **Avaliação Psicopedagógica da criança de zero a seis anos**. 20. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012. P.183-206.

MARQUES, Tânia. Desenvolvimento cognitivo da criança de educação infantil. In: ROMAN, Eurilda; STEYER, Vivian. (Orgs). **A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil**: um retrato multifacetado. Canoas: Editora ULBRA, 2001. P. 48-58.

MARTURANO, Edna Maria. Ambiente familiar e aprendizagem escolar. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 18, n. 47, p. 21-26. maio, 1999.

MINAYO, M. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. (Org.); GOMES, R.; DESLANDES, S. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 30. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2001. P. 9-28.

MOOJEN, Sônia. Dificuldades ou Transtornos de Aprendizagem? In: RUBINSTEIN, Edith. (Org). **Psicopedagogia**: uma prática, diferentes estilos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. P. 243-284.

MOOJEN, S. & FRANÇA, M. Dislexia: visão fonoaudiológica e psicopedagógica. In: ROTTA, Newra Tellechea (et al). **Transtornos da Aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2006. P. 165-180.

MORAIS, Artur. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

MORTATTI, Maria do Rosário. **Educação e Letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.

NÓVOA, Antônio. Entrevista cedida à Pátio: revista pedagógica. **Pátio**: revista pedagógica, Porto Alegre, n. 27, p. 25-28, ago./out. 2003.

PIAGET, Jean. **Epistemologia Genética**. Tradução por Álvaro Cabral. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SANTOS, Maria Thereza. Dislexia: princípios para a intervenção fonoaudiológica. In: BARBOSA, T. et al (Orgs.). **Temas em Dislexia**. São Paulo: Artes Médicas, 2009. P. 115-122.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar**: o problema escolar e de aprendizagem. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994.

SMITH, Corine. **Learning Disabilities**: Past and Present. Journal of Learning Disabilities. V. 18, n. 9, Nov. 1985.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

VIDAL, Fernanda. Uma sala de aula em que se pode brincar. In: DALLA ZEN, Maria Isabel (Org.). **Projetos Pedagógicos**: cenas de sala de aula. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2002. P. 35-61.

WEISS, Maria Lúcia. Diagnóstico psicopedagógico: avaliação do aluno ou da escola? **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 16, n. 42, p. 15-20, out. 1997.

_____. **Psicopedagogia Clínica**: uma visão diagnóstica de problemas de aprendizagem escolar. 14. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

ANEXOS

ANEXO A

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Legenda

E – Entrevistadora

P – Professora

G - Gestora

Professora A

Formação: Magistério

12 anos de experiência em turmas de 1º ano

8 anos de experiência na Educação Infantil

Turma: 1º ano do Ensino Fundamental

E: – O que tu entendes por prevenção de dificuldades de aprendizagem, o que te vens à cabeça quando se fala em prevenção?

P: – *Mas é dificuldade, não é transtorno né?*

E: – Dificuldade, exatamente.

P: – *Bom, as dificuldades de aprendizagem mais frequentes que eu vejo, que é uma coisa que vem da educação infantil que se prolonga se não é tomada uma atitude. São problemas de fala que interferem na aprendizagem da leitura e da escrita. Deixa eu ver o que mais... Crianças que não são motivadas, que não tem aquela bagagem, não frequentam ou frequentam, mas não tem aquele estímulo no sentido de ficarem voltadas pra essa aprendizagem da leitura, da escrita e do conhecimento dos números.*

Crianças que têm pouca vivência, que não têm contato com livros, não têm contato com essa coisa mais formal assim.

Mas o que eu mais noto são problemas também de dificuldades que vem da família, de relacionamento, de afetividade, crianças que não se adaptam na escola. Acho que a dificuldades que eu mais noto é essa na parte da fala e na parte emocional da criança.

E: – E tu acreditas que seja possível então prevenir essas dificuldades de aprendizagem lá na educação infantil?

P: – *Sim, a escola faz os encaminhamentos e a família leva pro atendimento, tu tem condições de auxiliar essa criança. O problema é que na maioria dos casos a família não aceita, a família não leva, e isso ai caba vindo pra gente.*

E: – No caso na escola, aqui na ***** , existe alguma orientação que é dada por parte do SOE sobre prevenção de dificuldades de aprendizagem?

P: – *Olha, eu entrei na escola esse ano. Mas agora na primeira semana, que foi a semana de adaptação, a professora da educação infantil de lá que tinha os meus alunos das duas turmas, ela também é uma professora das duas turmas, a gente conversou uma manhã, ela veio, me passou todos os alunos que eram delas e são meus. E eles fazem, por isso que estou te dizendo: todos os encaminhamentos que foram solicitados lá ela me colocou a par, então a escola tem esse tipo de prevenção. Só que nem sempre os pais estão fazendo isso que a escola pede, a escola solicita, mas nem todos cumprem a sua parte.*

E: – A questão agora então é, tu já me respondeste mais ou menos, quais as principais dificuldades, as mais comuns assim que tu encontras na tua turminha de primeiro ano?

P: - *De primeiro ano?*

E: - Sim.

P: – *Esse primeiro mês agente ta fazendo uma sondagem bem ampla, mas assim, essas duas turmas são turmas bem homogêneas, a maioria das crianças, acho que a totalidade, freqüentou a escola, então a maioria já sabe escrever o seu nome, reconhece as letras e os números até nove. Mas tem aquelas dificuldades de espelhar letras, espelhar números... Eles já têm o hábito de ter a prontidão para o trabalho, isso é uma coisa que eu notei assim em comparação com as minhas outras turmas da outra escola que eu trabalhava. Eles têm prontidão para o trabalho, eles sabem que tem a hora de trabalhar e a hora de brincar. Apesar de eu ter crianças que são bem agitadas, a maioria, a turma consegue realizar a tarefa no tempo combinado, entende a ordem que é dada. Então, nesse primeiro momento eu tenho uma ou duas crianças com problema de fala, então essa criança já deve ter sido encaminhada, mas é difícil porque olha assim ó, numa turma (são doze anos já de turma), a maioria assim, pelo menos em cada turma de... as minhas turmas sempre tive uns 25.. pelo menos umas cinco ou seis crianças, um quarto ou quinto da turma tinha problema que tinha que ser encaminhada para uma fono. E essa turma são muito poucos e é coisas leves, não é aquela coisa bem pronunciada que na fala tu... tem uma ou outra assim...mas essa turma é bem homogênea.*

E: – A penúltima pergunta é o que tu achas que pode ou que deve ser feito lá na Educação Infantil pra que eles não cheguem aqui com as dificuldades de aprendizagem, no sentido então de prevenir as dificuldades de aprendizagem, essas principais que tu falaste...o que poderia ser feito, o que a gente poderia fazer lá na educação infantil pra que as crianças não chegassem aqui com as dificuldades de aprendizagem?

P: – *Eu acho assim, já é feito lá o alerta aos pais, a conversa com os pais, pra dizer das dificuldades da criança e o encaminhamento. Eu acho que falta mais é a participação da família. O que eu mais noto em qualquer escola que eu tenha trabalhado é essa dificuldade da família em realizar as solicitações que a escola pede. Caminhar junto porque não adianta só a gente detectar aqui, encaminhar e a família não ajudar.*

E: – Tu enxergas alguma relação do preparo do professor quanto ao tratamento das dificuldades e da prevenção com a tua formação? Quando tu te formaste, tu tiveste alguma instrução em relação a prevenir as dificuldades?

Por que a gente sabe que tem as boas práticas, a gente aprende para ser um bom professor...

P: – *Claro* (relacionado às boas práticas).

E: – Mas a palavra de prevenção surgiu em algum momento?

P: – *Não. Bom eu já me formei há muito tempo atrás, mas isso não tinha. Depois como a gente faz muita formação. Inclusive, eu to trabalhando aqui porque o ano passado a escola que eu trabalhava e essa aqui fazem parte de um projeto do instituto do cérebro, justamente de transtornos, foi por isso que eu te perguntei, de transtorno de aprendizagem com enfoque na dislexia. E a gente foi num seminário em Santa Catarina sobre esse assunto, fomos participantes deste projeto em outros estados do Brasil. E foi lá que eu conheci a vice-diretora daqui e depois por uma série de questões acabei esse ano vindo pra cá. Então, em algumas formações, principalmente as que a gente fez na PUC, o ano passado foi no IPA, que estão dando mais subsídios pra gente tratar dessas coisas. As escolas que tem orientação educacional, que não são todas, tu também pode te socorrer nesse setor.*

E: – Quando tu tens alguma dúvida, tu chegas lá (no SOE) e pergunta?

P: – *Claro, sim... Eles encaminham, chamam a família... Porque aqui o que eu vejo: eles têm muito cuidado com isso. Já foi solicitado que aquelas crianças que eu note que tem alguma dificuldade maior a gente já chama os pais pra não deixar pra mais tarde, já pra atacar isso de início.*

Professora B

Formação: Pedagogia

5 anos de experiência na Educação Infantil
Turma: Educação Infantil

E: – A primeira pergunta diz respeito ao que tu acreditas que seja a prevenção...

P: - *Na Educação Infantil?*

E: - *Na Educação Infantil.*

P: - *Acho que eu vou te responder mais ou menos com o que eu enxergo muito na educação infantil, e agora acho que é muito forte essa coisa de querer alfabetizar a criança na educação infantil. E aí eu acho que eles chegam no primeiro, segundo ano já de saco cheio. Quer dizer, tu já tem oito...sei lá eu quantos anos de escolarização aí na educação infantil tu já tá jogando isso. Eles têm tema de casa, têm não sei o que, têm não sei o que...Eu acho que não deixar uma coisa tão pesada na Educação Infantil pra eles acho que previne um pouco.*

E: – *Essa seria uma forma de prevenção?*

P: – *É. E tem muito disso. Ano passado eu tive uma mãe que no final do ano ela tava me contando que o guri dela, acho que tava num jardim b, jardim a de alguma outra escola. E aí ela tava elogiado muito a escola porque tinha não sei quantos temas por semana. Aí claro, eu não falei pra ela, mas sabe, é muita coisa. Ele tá na educação infantil né? Pra quê? Eu acho que é isso.*

E: - *Seria possível prevenir as dificuldades de aprendizagem já na educação infantil?*

P: - *Respeitar a criança, respeitar as dificuldades dela também, nem todo mundo é igual, nem todo mundo aprende da mesma forma, nem todo mundo sabe fazer o desenho perfeito quando chega no jardim b. Acho que isso, respeitar o tempo da criança.*

E: - *A família poderia auxiliar na prevenção das dificuldades e se sim, de que maneira que a família poderia intervir nessa questão da prevenção.*

P: - *Acho que a mesma coisa assim, que a família cobra muito da escola que tenha trabalho, que tenha a questão do resultado. Que na educação infantil é bem difícil por isso. Principalmente por que aqui é diferente de outras escolas. No município por exemplo, tem essa diferença. Aqui, a *****, por mais que seja uma escola pública, tá no meio de um bairro classe média. Então os pais são classe média, as crianças são classe média. Então tem cobranças de educação infantil de escola particular. Isso eu senti muita diferença porque eu sempre trabalhei com educação infantil, claro na ***** (outra escola em que trabalhou) também é classe média, mas antes disso ou trabalhava na prefeitura né, no município. Então não tinha tanto essa exigência do resultado final, aqui tem, que tu tem que ter o resultado final, que tu tem que ter um trabalhinho no final do ano, que tem que ter apresentação no final do ano, essa coisa de mostrar pros pais o objetivo... os pais precisam ver que a gente tá trabalhando, os pais precisam ver...*

Essa coisa de respeitar o caminho até lá... quer dizer, eu acho que é isso dos pais, que falta. Eu acho mais difícil trabalhar com essa faixa sócio-econômica do que em prefeitura e município. Eu acho mais tranquilo porque os pais, não é questão de (também não vou falar que respeitam o professor) que eu acho isso um pouco...

E: - *Tu dizes a questão da interferência?*

P: - *É, até da escola. Como a escola lida com isso, sabe? Numa escola de classe média, tu tem a pressão dos pais muito maior. E aqui é muito maior. Em escola particular é muito maior.*

E: - *Essa configuração então de os pais terem uma interferência maior, aqui apesar de ser uma escola do estado, também acontece?*

P: - *Sim, sim.*

E: - Existe na escola alguma orientação que é dada aos educadores quanto a essa temática? Vocês têm reuniões, formações sobre prevenção e dificuldade de aprendizagem...,mas mais especificamente sobre prevenção?

P: - *Antes do problema eu acho que não. Claro, aqui em baixo a gente tem a orientadora pedagógica. Alguns casos mais característicos de problemas, que a criança já começa a ter problema na educação infantil, ai eu sei que são tratados na sala de recursos principalmente.*

E: - Mas ai é quando já tem a dificuldade?

P: - *Geralmente é quando já tem. Anterior a isso não, é difícil.*

E: - E quanto a tua formação, tu acreditas que a tua formação te deu subsídios para tratar a prevenção? Tu lembras de alguma disciplina que tenha falado sobre prevenção?

P: - *Ah eu acho que várias. Até a psicopedagogia. Eu acho que é até mais que isso...Eu sinto a diferença de quem, de outros colegas até, da profissão, que a gente tem uma visão diferente. Claro, faz pouco tempo que eu me formei. A gente tem que estar sempre se atualizando. Faz um tempo que eu não me atualizo também, mas eu já sinto diferença quando vem alguém tipo tu por exemplo vem aqui, tu ta saindo agora da faculdade, já tem diferença sabe? E quem saiu muito anterior a mim também tem essa diferença. Mas eu acho que a UFRGS nos da bastante subsídios pra tu entender, não é nem pra entender, a gente nunca ta preparada pras coisas assim. Quanto tu tem algum aluno especial, por exemplo, tu não ta preparado. Eu tive, logo que eu entrei aqui e eu não tava preparada, eu não sabia lidar com isso. Só que, tu tem já uma base de o que tu pode fazer e o que tu não pode fazer. A questão do respeito com o aluno, que é muito difícil, principalmente em escola pública né, que o professor respeitar o aluno é complicado muitas vezes...porque tem professores que estão há muitos anos e tem a falta de formação também. Aqui no estado a gente não tem formação continuada, a gente tem as reuniões que aqui na escola é diferente, outras escolas tem menos ainda sabe. Acho que é isso, eu nunca vou me sentir preparada para nada assim, preparada mesmo. Só que a maneira como a gente lida com as coisas, a gente busca ajuda. Acho que da pra resolver assim alguma coisa.*

Professora C

Formação: Pedagogia – Pós-graduação em Psicopedagogia e em Alfabetização.

7 anos de experiência na Educação Infantil

Turma: Educação Infantil

E: – O que tu entendes por prevenção? O que vem a tua cabeça quando se fala em prevenir dificuldades de aprendizagem no período em que eles ainda estão na educação infantil?

P: – *Eu acredito na questão de prevenção que é necessário que exista todo um trabalho de níveis, até eles chegarem no nível quatro, eles têm o nível três e o nível 2. Digamos que um amadurecimento, preparações para o próprio desenvolvimento deles, para eles chegarem aqui no nível quatro já tendo determinadas habilidades, aptidões. Eu entendo que é muito importante em cada nível ser bastante trabalhado essa questão de brinquedo livre, jogos, de momento de rotina, de rodinha, do próprio lanche, o pátio...Quando a criança tem todo um trabalho de rotina, já acontece uma prevenção automaticamente, porque eles já são crianças que têm uma determinada estrutura de rotina, de trabalho, de hora de lanche, de pátio, enfim, de cada momento. Tu sabe que a gente passa o turno da manhã ...ai acontece que na verdade eles já vêm como esse amadurecimento, então é muito importante que aconteça nos níveis anteriores todo esse trabalho bem organizado, bem orientado. Que isso ai eles já vêm né, com essa preparação e no meu ponto de vista acontece justamente essa prevenção. Tu previne dificuldades de aprendizagem.*

E: – A família poderia auxiliar na prevenção das dificuldades?

P: – *Com certeza. A participação da família é bem importante assim, a gente sempre fala que quanto mais a família...hoje em dias as famílias têm muito pouco tempo, dão muito pouca atenção, não têm um olhar praquela criança, praquela filho. Então quanto mais puder oferecer*

meios de jogos, de livros, literatura, tudo vai contribuir para que na escola a criança já tenha uma determinada organização. Então com certeza o papel da família é bem importante.

E: – Existe nesta escola alguma orientação que é dada aos educadores quanto a essa temática? No sentido de prevenção, isso é algo institucionalizado?

P: – *Nós temos, nós temos a orientadora educacional. Particularmente, este ano sempre houve um trabalho de encaminhamentos para instituições, o chamamento das famílias, as conversas com a professora, orientadora. E além deste trabalho, esse ano, conjuntamente terá um trabalho de orientador educacional com a criança, trabalhando jogos, trabalhando atividades variadas, para que a orientadora educacional também observe determinados comportamentos, atitudes... então esse trabalho também é bastante importante, porque daí na hora do chamamento da família são dados constatados também pela orientadora que vão adicionar, crescer ao professor de sala de aula.*

E: – Tu enxergas alguma relação da tua prática quanto ao tratamento das dificuldades e da prevenção com a tua formação? Tu acreditas que na tua formação tu recebeste subsídios pra isso?

P: – *Acredito que sim, claro que a gente tem que estar sempre em busca, sempre se atualizando, sempre em busca. Acredito que sim. Eu sempre vi assim e trabalhei dessa forma também já, buscando sempre possibilidades, tendo o olhar pra criança, cada um é um...um ser diferente do outro, que vem com a sua bagagem, sua estrutura familiar, sua realidade. Então tudo isso é bem importante né?*

E: – Em algum momento tu identificas, enquanto eles ainda estão aqui, alguma dificuldade de aprendizagem?

P: – *Olha, em algum aluno assim eu consigo perceber...porque ainda é muito início de ano né? E o período ainda de sondagem, a gente tá assim em um período bem inicial. Mas assim, tu já consegue, a maioria dos alunos são nossos, já vem do nível anterior aqui da escola. Como a gente tem uma ênfase de trabalhar muito essa questão que eu tava te dizendo: de lúdico, de jogos, de psicomotricidade, e a própria questão de alfabeto, letramento. Eles já vêm lá do nível três com uma grande bagagem. A maioria dos alunos, quando é aluno novo, que às vezes não freqüentou a escola, tu percebe mais...mas igual, esse ano uma aluna nova que tem um nível cognitivo assim, olha, emocional, maravilhoso. Então eu acredito que também muitas vezes acontece de não freqüentou a escola mas tem todo um suporte, todo um trabalho, uma atenção, um olhar ainda existe na família, em casa. Porque a gente costuma dizer que não existe mais,... Muito pouco tempo com as famílias, cada vez menos tempo. Mas ainda existe, eu to constatando que é o caso de uma aluna nova que tem, assim um desenvolvimento muito bom. Então eu fico contente com essa realidade.*

Professora D

Formação: Pedagogia

10 anos de experiência na Educação Infantil

Turma: Educação Infantil

E: – A primeira questão diz respeito a tua concepção de prevenção. Quando se fala em prevenir dificuldades de aprendizagem o que te vem à cabeça. O que tu entendes por prevenção?

P: – *Eu acho que prevenir é tu ter consciência de alguma coisa. Tu dá uma olhada, tu vê que a criança tem alguma dificuldade e tu vê quais são as atividades que tu pode desenvolver com ela já pra ela ir, dando um passinho à frente. Inclusive em algumas dificuldades que a criança têm, tu sabe que elas vão aparecer em algum momento. E tem algumas coisas que tu já consegue fazendo alguma coisa, tu consegue conversar com um pai, tu consegue encaminhar pra uma fono, pra uma psicóloga. E se eles ouvem a gente a gente vê que o resultado é bem interessante. Teve uns meninos no ano passado com três aninhos (essas turminhas são minhas desde o ano passado) e eles tinham dificuldade de fala e eu orientei a mãe a procurar a fono e as mães que procuraram e se dedicaram as crianças tão ótimas.*

E: - Então nesse sentido a tua intervenção foi preventiva?

P: - *Foi preventiva sim porque agora eles estão no nível três, eles estão um pouquinho maiores e os colegas já debocham mais se eles não falam direitinho. Quando eles são pequeninhos eles não tem muito essa parte crítica, agora eles têm. Esse dias um falou “eu quero aga” e um coral assim “ÁGUA”. Então acho que é importante a gente prevenir.*

E: - A família pode ajudar na prevenção das dificuldades e, em caso positivo, de que maneira?

P: - *A família é fundamental em todo o nosso processo. Não existe um distanciamento da escola com a família. A gente aqui trabalha com o produto da família que é a criança. Então ela chega em casa tem o pai, tem a mãe, tem a irmã, tem todo aquele trabalho desenvolvido pela família. E a gente só da continuidade aquele trabalho. Então é muito importante a presença da família, porque eles passam a maior parte do tempo em casa. São só 4 horas conosco. Só que a família tem bastante dificuldade em aceitar... Eu as vezes me questiono se é eu que tenho que tenho dificuldade de me expressar ou se são os pais que têm dificuldade. Eu acho que são os dois, porque as vezes a gente quer medir as palavras pra não machucar, pro pai não ficar chateado e os pais também têm dificuldade de entender. Eu acho que é bem complicada essa relação de ter que conversar com pai: “olha o teu filho...” A fono por exemplo do *****, meu Deus eu cortei o ano inteiro, até quando chegou no meio do ano eu disse é agora ou nunca. Ai a mãe disse é, muito desconfiada...eu disse quem sabe tu procura o teu pediatra e vê se tem fundamento o que estou te dizendo. Ai o pediatra malhou e ela foi procurar... (Nesta fala, a professora tenta explicar a forma como precisou da “credibilidade” de outro profissional, no caso o pediatra, para convencer a mãe de que seu filho precisava de acompanhamento com um fonoaudiólogo).*

E: - Existe nesta escola alguma orientação dada aos educadores quanto a essa temática, da prevenção. Isso é institucionalizado? Vocês têm reuniões ou formações nesse sentido, de prevenção de dificuldades de aprendizagem?

P: - *Eu acho que a gente tem algumas reuniões, algumas palestras que nos orientam a como chegar na família, a como conversar e a como prevenir. Porque aqui na educação infantil a gente já tenta prevenir porque depois eles vão pro primeiro ano.*

E: - E é da mesma escola né?

P: - *É da mesma escola, então a gente tenta fazer alguma coisa assim, geral. A escola oferece bons refúgios pra que a gente procure, tente orientar. Nós temos uma orientadora que está sempre ao nosso lado.*

E: - Tu enxergas alguma relação da tua formação, tu recebeste algum subsídio na tua formação, que falasse sobre prevenção de dificuldades?

P: - *Quando eu fiz a faculdade, há muitos anos atrás, eu me lembro que os nossos professores na época sempre colocavam a questão do professor ter sensibilidade para observar, pra interagir com o aluno. Porque só da tua boa interação com o aluno é que tu vai conseguir perceber alguma coisa. Tu tem que andar ali, do ladinho dele, ouvindo, conversando, participando, trazendo a família pra próximo de ti também. Porque tem crianças que elas não falam, elas só falam se elas criarem um laço de amizade contigo. Na minha faculdade a gente foi orientado a ouvir mais e falar menos. É também essa questão de ter um bom relacionamento né, com a criança. Porque o adulto nessa questão somos nós. E a criança é só um ser indefeso entre aspas, que ta ai nas nossas mãos. Se a gente não souber se relacionar com eles, não souber ouvir a gente não vai conseguir ver as dificuldades que eles têm.*

Gestora A

Formação: Magistério e Pedagogia. Concluindo uma pós-graduação em educação para a infância (EAD).

10 anos com turmas de Ensino Fundamental

6 anos em turmas de Educação Infantil

4 anos (até atualmente) na Vice-direção
Cargo: Vice-direção e orientação educacional

E: - O que tu entendes sobre prevenção de dificuldades de aprendizagem?

G: - *Na educação infantil, o que eu acredito: tu tem que trabalhar com o corpo da criança. Se ele não conhece o corpo ele vai apresentar dificuldades de aprendizagem lá no primeiro, no segundo, no terceiro ano. Eu lembro que na faculdade a professora falava que depois quando chega lá nessa idade ou nesse ano, tu tem que fazer uma reeducação psicomotora porque foi alguma coisa no corpo desta criança que não ficou bem trabalhada. Que ficou uma seqüela. Então eu acredito que a prevenção é trabalhar com atividades que envolvam muito o corpo.*

E: - Tu acreditas que seja possível prevenir as dificuldades de aprendizagem já na educação infantil?

G: - *Acredito.*

E: - De que forma?

G: - *Trabalhando com atividades corporais, de reconhecimento do corpo. Toda essa questão da psicomotricidade. É o corpo e a mente. O corpo seria a parte dos músculos, a musculatura. E a mente é ele mandar os comandos pra fazer o corpo obedecer aquilo que ele pretende. Eu acho que assim, a prevenção seria essa: trabalhar muita atividade com o corpo.*

E: - A família poderia auxiliar na prevenção de dificuldades? Em caso positivo, de que maneira?

G: - *Eu acho que a família sempre pode nos ajudar. Uma maneira de ajudar nessa questão da criança conhecer o próprio corpo seria levando a parques, tirando um pouco da TV, do computador, deixando essa criança se movimentar fora do espaço da casa, isso eu acho que colaboraria muito também.*

E: - Existe nesta escola alguma orientação, que é dada aos educadores, quanto a essa temática? Isso é algo institucionalizado?

G: - *Não sei se institucionalizado, mas nas reuniões de uni docência sempre é colocado. Este ano eu estou com a supervisão no turno da manhã e eu tenho que preparar as reuniões de uni docência, então é um tema que eu quero colocar sempre nas reuniões. Falar com as professoras, trazer vídeos, trazer textos. Porque eu acredito que todas as que fizeram pedagogia tiveram essa cadeira, essa disciplina. Mas as vezes a gente fica tão na correria que isso vai adormecido dentro da gente. Nas reuniões é uma ótima oportunidade pra gente reascender. Eu acredito que esse ano a gente...e assim, aqui na escola a gente até não se preocupa tanto com essa questão pelo seguinte: nós temos os estagiários da educação física da UFRGS. Eles colaboram e muito com o trabalho que a gente faz aqui. Essa preocupação não existe tanto em função da gente ter esse aporte do pessoal especializado, porque eles estão lá, eles estão estudando, eles sabem com muito mais profundidade o assunto do que nós. E a gente na pedagogia a gente tem um geral, não é uma coisa bem detalhada. E o pessoal da educação física tem, então essa contribuição é muito válida.*

Professora E

Formação: Magistério. Pedagogia. Pós-graduação em Educação Infantil e Gestão do Currículo.
14 anos de experiência na Educação Infantil
Turma: Educação Infantil

E: - O que tu acreditas que seja prevenção? Como tu concebes prevenção de dificuldades de aprendizagem?

P: - *Eu concebo prevenção de dificuldades de aprendizagem quando eu vejo alguma dificuldade num aluno eu, através de jogos e brincadeiras, proporcionar que ele avance. Uma coisa que eu consigo ver em relação ao nome, por exemplo: ele não consegue identificar o*

nome dele na rodinha, na chamada. Eu faço diversas atividades, um dia com música, outro dia eles pegando, outro dia trocando com o colega, todos os dias algo diferente pra ele, através da brincadeira, ir sanando essa dificuldade. Se ele não consegue escrever: empresto a ficha, vou junto, faço atividade de colagem, de recorte, tem um leque de possibilidades pra que ele saia daquela dificuldade.

E: - De que forma a família poderia auxiliar nessa prevenção?

P: - *Eu acho que a família tem que ser participante desse processo. Não consigo entender a família separada disso. Por isso o dialogo entre escola e a família é fundamental. Na primeira reunião eu coloquei isso pra elas, que eu queria a participação e o envolvimento das famílias. No ano passado como professora de jardim b eu tive algumas crianças que estavam num outro processo, vindas de outra escola, uma outra caminhada. E a turma do jardim b estava num desenvolvimento diferente. Conversei com as mães, que eu precisava muito da ajuda delas, possibilitando que eles desenhassem mais em casa, vissem a fixa do nome, que a mãe sentasse também, valorizasse os avanços deles, ajudasse a escrever o nome e foi super positivo. Foi super positiva essa parceria. Não entendo como coisas separadas, a família sempre junto. E vejo os jogos na educação infantil, os brinquedos e as brincadeiras como o fundamental para sanar essas dificuldades de aprendizagem.*

E: - A terceira questão faz referência à escola. Em algum momento vocês têm algum subsídio, alguma formação ou alguma orientação por parte da direção (área pedagógica) em relação à prevenção de dificuldades?

P: - *Essa temática, nas formações...só relatos de colegas, de trocas entre os colegas. Não teve um dia específico em que se tratou dessa questão. Nós já tivemos psicólogos conversando, nós já tivemos pessoal da saúde, pedagogas, mas especificamente desse assunto eu não me lembro.*

E: - Tu enxergas alguma relação na forma como tu age com as crianças na prevenção das dificuldades com a tua formação?

P: - *Com certeza. Acho que são as duas coisas: a formação é importante, mas o professor sempre buscando se atualizar, participando das formações que são oferecidas pela SMED, de cursos que estão fora da escola. Acho que dessa forma a gente consegue.*

Professora F

Formação: Pedagogia. Pós-graduação em Psicopedagogia.

8 anos de experiência na Educação Infantil

Turma: Educação Infantil

E: - O que tu acredita que seja prevenção de dificuldades de aprendizagem na educação infantil?

P: - *Educação infantil tem um enfoque diferente do ensino fundamental. Eu acredito que a gente consiga de várias formas trabalhar com letramento, enfim, algumas coisas que vão ser usadas lá na frente, lá no primeiro ano, nas series iniciais. Acredito que a gente até pode fazer um trabalho de intervenção, mas eu acho que isso vai se refletir melhor lá na frente, ainda assim a educação infantil eu acredito que ela é muito pequena pra gente vê isso mais profundamente. Porque a inserção da criança na escola, é o primeiro contato que ela vai ter com livros, contação de história, grafismo. Isso é uma maneira muito mais lúdica no infantil do que lá no primeiro ano, que já tem um outro enfoque, que eles vão trabalhar mais a questão de atenção, concentração. Claro que aqui a gente também pode ver isso. A gente tem essa possibilidade já no jardim, de verificar algumas coisas que podem desencadear algum tipo de dificuldade lá na frente. A questão principalmente de foco e atenção, é uma coisa que a gente pode observar. A do grafismo eu acredito que não ainda, porque o enfoque da educação infantil não é alfabetizar. A gente inicia o letramento, a gente inicia alguns processos de pensamento matemático mas de uma forma muito lúdica, que é diferente do primeiro ano. A gente pode prevenir, mas ainda é um período difícil de tu detectar alguma dificuldade de aprendizagem mesmo. Até porque tu tem uma sala com vinte, vinte e cinco crianças, mas uma*

disposição diferente da escola lá no primeiro ano. Lá a gente tem eles sentadinhos um do lado do outro, um atrás do outro, cada um com sua mesa, cada um com seu caderno, tem a questão muito motora de escrita, que é diferente daqui. A gente trabalha com uma questão motora mais ampla, é recorte, picados, tem o lápis também a gente vai trabalhar isso, mas não é tão forte como é lá, até porque quando eles iniciam na primeira serie eles reclamam muito da dor, porque a escrita é um exercício que cansa.

Acho que sim, a gente pode prevenir de alguma forma, mas ainda é muito sutil. Isso mesmo vai se dar lá, lá naquele enfoque, naquele contexto que é diferente do da educação infantil. Na infantil eu vejo que a gente tem uma outra preocupação. É algo mais geral, não é direcionado pro aprendizado em si, tradicional, que a gente vai ter da escola. É uma maneira mais ampla, fica mais livre. E a idéia é essa da infantil, ainda que eles se sintam mais soltos, e até para despertar outras coisas como criatividade, acredito que isso que é mais importante, não aquela coisa estanke de ficar sentadinho, de copiar, de levar pra casa. A infantil tem que trabalhar muito essa questão, de imaginação, do lúdico, da criatividade, de ouvir esses diferentes contextos deles, as historias que eles trazem, porque lá vai ser realmente o enfoque mesmo de alfabetização, que é diferente da infantil.

E: - De que forma as famílias poderiam intervir ou participar dessa questão de prevenção das dificuldades de aprendizagem?

P: - *Acho que a família é importante sim. É um conjunto, isso tem que ficar bem claro. Independente da infantil ou das series iniciais a família é a primeira escola. As crianças trazem uma bagagem de lá e elas aprendem tudo lá: é pai, mãe, as pessoas direcionadas diretamente com eles ali. E acho que elas ajudam e devem ajudar sim, mesmo a gente tendo uma realidade diferente, a agente vê que muitas famílias delegam funções pra escola que não são dela. Cada um tem as suas atribuições. Eu digo o filho é dos pais, o aluno é da escola. Cada um tem as suas competências. Só que isso se confunde, então o professor também tem esse papel de direcionar essas atribuições: o papel da família e o papel da escola. Mas é importante que se tenha essa parceria. E eu acho que pra um sucesso deles, das crianças, filhos e alunos, é importante que se tenha parceria sim. E o pai e a mãe, por terem esse contato direto, eles também vivenciam e sabem as dificuldades que as crianças têm. Eles estão observando, eles vêm e nos avisam. E a gente aqui também na escola observando vai avisar o pai e a mãe. Em alguns casos extremos se ta observado alguma coisa que não estamos conseguindo resolver, a gente aciona, se pede ajuda de um profissional competente. Pra isso a gente tem a psicopedagogia, a gente tem essa área que dá ênfase pra dificuldade de aprendizagem, que eu acho que é importante.*

As vezes a gente acha que não é nada... "ah é uma fase", enfim, mas entre o achar e o ter certeza, são caminhos bem diferentes. Acho que é importante um observar e o outro também, e trocar essas idéias. Se for preciso a intervenção de um profissional específico nessa área a gente aciona então. Família a escola tem que estar sempre junto, sempre presente, porque o objetivo é o mesmo. Acho que isso é muito importante.

E: - Existe na escola alguma orientação específica ou que mais ou menos se direcione pra área da prevenção. Isso é institucionalizado na escola?

P: - *Nessa, na nossa escola?*

E: - *Isso.*

P: - *A gente não tem muito esse enfoque aqui. Eu não lembro de ter visto algum caso, a gente comenta nas formações, inclusive algumas formações a gente tenta buscar a ajuda de alguns profissionais. Mas não lembro de ter tido nesse enfoque, nesse sentido de dificuldade... o que eu vejo que é maior o enfoque aqui seria a questão de limites mesmo. Uma coisa que nos preocupa bastante, mas que foge um pouco desse assunto, mas que pode desencadear lá na frente problemas na aprendizagem, porque uma criança sem limites, sem noção, sem rotina, também vai se perder e não vai conseguir focar pra aprender. É uma coisa que começa aqui e que se a gente não trata vai desencadear lá na frente um outro tipo de problema. É o mais característico que a gente tem aqui na escola, é essa preocupação.*

E: - Tu acreditas que quando tu te formaste tu recebeste subsídios pra trabalhar dificuldades de aprendizagem, ou até para prevenir?

P: - *A minha formação é em educação infantil, pela PUC, na época era separado. E eu fiz o pós de psicopedagogia pela UniRitter. Posso te dizer que eu tive subsídios pela UniRitter, que é específico pra isso. A graduação te dá um enfoque maior, mais generalizado, não o específico que a psicopedagogia te dá. Por experiência eu posso te dizer que muita coisa da teoria eu coloquei em prática. Muita, mas nem tudo. Até porque na época que eu fiz, já faz uns quatro anos, a formação de psico faz uns quatro anos, eu posso te dizer que o perfil das crianças mudou muito. Muito rápido em relação ao tempo que eu me formei. A gente tem crianças muito mais ativas, crianças que vivem o mundo da tecnologia muito mais do que antes, é um mundo de muito estímulo: é Tv, é rádio, tablet, celulares, telefones, enfim, é uma coisa que faz parte do progresso, mas que muda muito o enfoque da aprendizagem. Eu acredito que muitas crianças com dificuldade de aprendizagem têm esse problema em função de tecnologia. Porque não conseguem se concentrar. Tu tendo um computador, um tablet, tudo é muito rápido. E tem a questão de jogos, que acaba viciando e isso prejudica. Então no momento que tu tem um caderno, um papel e um lápis, demora mais. Me parece que as crianças não têm mais paciência, não é esse bem o termo, mas elas não conseguem esperar um pouquinho mais do que antes.*

E não faz tanto tempo atrás. Se tu parar para pensar não é anos atrás... É uma coisa bem recente e eu acredito que muitos problemas de aprendizagem vem disso, desse tempo que eles ficam ligados em rede social, em computador, eu acho que existe um excesso nisso que acaba prejudicando sim na vida escola deles. E isso aqui também na infantil a gente vê muito. Até brincadeiras violentas, jogos violentos Televisão, a própria televisão que eles assistem desenfreadamente, coisas que não são pra idade deles, e que a gente vê coisas aqui que nos assustam. Eu vou confessar pra ti que eu tenho que me adaptar com isso. Isso pra mim é novo, é uma geração que vem com essa necessidade diferente, e que te tira muita energia. Então o professor tem que estar se atualizando, tem que ver que outra ferramenta eu tenho pra conseguir concentrá-los, porque tudo é muito rápido. Uma atividade que tu faz, que podia dar um retorno maior e ficar mais tempo, hoje ela é muito curta. Isso antes era em berçário, eles são bebês. Mas hoje tu trabalha com maternal e com jardim e a atividade se limita muito mais, ela fica muito mais curta porque a atenção deles acaba. Então o professor ainda tem esse desafio de trazer coisas atuais, recentes, pra que tu consiga pegar eles a atenção e focar com eles.

Professora G

Formação: Magistério. Pedagogia. Pós-graduação Criança de 0 a 3 anos. Mestrado em História da Educação.

24 anos de experiência na Educação Infantil

Turma: Educação Infantil

E: - O que tu acreditas que seja prevenção de dificuldades de aprendizagem?

P: - *Em primeiro lugar eu acho que todas as crianças, sejam elas crianças com alguma demanda, algum diagnóstico ou não, precisam ser vistas na sua individualidade. Então uma forma de prevenir os problemas de aprendizagem é conhecer a criança na sua individualidade. A história de vida, conhecer a família, conhecer o ambiente onde ela vive. Outra coisa, trabalhar sempre as questões cognitivas e também cuidar com essa questão emocional: os sinais que essa criança vai mostrando de algum desequilíbrio emocional. Por que a gente sabe que as dificuldades de aprendizagem muitas vezes elas podem estar ligadas a alguma questão emocional. As vezes até questões orgânicas. Então o professor para poder trabalhar com o aluno, ele precisa conhecer esse aluno a fundo. Isso passa por falar com a família varias vezes, por observar os comportamentos da criança, por conversar com especialistas para fazer alguma assessoria, pra saber se determinado comportamento está relacionado ou não com alguma dificuldade. Eu acho que o professor acaba sendo uma espécie de cientista, ele está sempre estudando. Não só estudando o conteúdo que ele ensina, mas estudando também a forma se ensinar, estudando os seus alunos, tendo os seus alunos como objeto de*

conhecimento. Ele enquanto professor tem que permanecer estudando e aprendendo enquanto ele está desenvolvendo a prática de ensino.

Tu não pode se dar por pronta assim, Terminou o teu curso de graduação ou terminou a sua pós graduação e acha que está pronto. Cada espaço onde ele estiver atuando ele vai ter que estar sempre se reinventando.

E: - Tu acreditas que seja possível prevenir dificuldades de aprendizagem na Educação Infantil?

P: - *É, eu acho assim, não é prevenir, mas se tu tiver um olhar específico e atento. Se tu estiver trabalhando no sentido de atender as demandas reais e aquilo que o teu aluno mostra que ele precisa, talvez tu não tenha tantas questões de dificuldades. Porque a dificuldade muitas vezes é a falta de comunicação entre aquilo que a criança já consegue e aquilo que o professor pode dar pra ela em termos de intervenção. Eu acho que se tu fica muito atento, se tu desenvolve aquele olhar apurado, tu vai conseguindo obter resultados da criança e ela vai mostrando esse caminho. Muitas vezes o caminho dela vai ser diferente do outro, vai ser mais lento, vai ser pequenos passos. Essa sensibilidade do professor para olhar pra cada um talvez seja uma forma de minimizar. Não digo prevenir, mas minimizar os problemas.*

E: - Existe algo institucionalizado quanto à temática prevenção de dificuldades de aprendizagem nesta escola?

P: - *Os temas das formações as vezes tratam disso. O cuidado que o professor tem que ter com a sua formação: por exemplo, não esperar só vir da mantenedora. Ele tem que também buscar cursos por conta própria. Eu acho que isso é uma via de mão dupla, tu tem que contar com a formação da mantenedora ou da escola, da instituição que tu está, mas tu também tem que buscar coisas por fora. O professor não pode ser um sujeito acomodado que espera tudo cair na sua mão de bandeja, por que isso não vai acontecer. E ai ele vai sentir necessidade de ter outros requisitos que as vezes a mantenedora não vai trazer. Conversar com especialistas, fazer cursos, manter o contato com a Universidade. Eu acho que tem muitas vias, tem muitas possibilidades. O que não dá é a gente se acomodar.*

ANEXO B**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) participante:

Sou estudante do curso de graduação na Faculdade de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Estou realizando uma pesquisa sob supervisão do(a) professor(a) Luciana Vellinho Corso, cuja temática é Psicopedagogia, Educação Infantil e Dificuldades de Aprendizagem.

Sua participação envolve uma entrevista, que será gravada se assim você permitir, e que tem a duração aproximada de 15 minutos.

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a).

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. A pesquisadora compromete-se em realizar um encontro posterior à conclusão do trabalho, a fim de apresentar os resultados obtidos na pesquisa.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas junto ao Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação, através do fone 51 3308-3099.

Atenciosamente,

Ellen Mendonça de Lima
Cartão UFRGS 00173550

Local e data

Luciana Vellinho Corso

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e assinatura do participante

Local e data